

# MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL

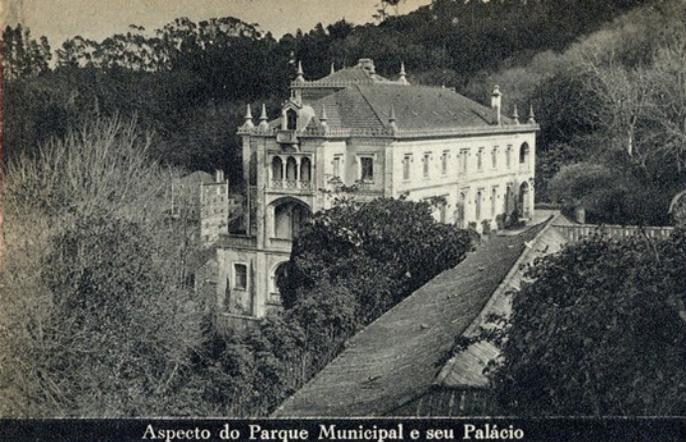
30 SET 1984

91



Ev  
sem pu  
morde  
um saboroso  
pomo  
maturado ao sol  
de  
Portugal





Aspecto do Parque Municipal e seu Palácio



Vista parcial de Sintra

# SERRA E MAR

## DE SINTRA A CASCAIS

**A**O entrarmos em pleno verão torna-se de flagrante oportunidade pôr em destaque as várias estações turísticas do País, trabalho este de que nos vamos ocupar iniciando-o pelo triângulo Lisboa-Sintra-Cascais, a zona por excelência e a mais férrea da capital.

Para demoradas estadias em qualquer altura do ano, em épocas festivas, para simples passeios de fim de semana, esta região está habilitada a proporcionar todo o conforto e comodidade, dispondo de bons hotéis, restaurantes e bars, com fáceis comunicações tanto por belas estradas como pela via férrea de que se destaca o comboio eléctrico do Cais Sodré, único no País.

De facto quem não se utilizar de automóvel para efectuar este percurso pode tomar o caminho de ferro até Sintra onde não lhe falta onde passar agradavelmente todo o dia e à tarde aproveitar um dos belos autocarros com que a Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs, Táxis Palhinhas, assegura um completo serviço entre esta vila e a Costa do Sol, de preferência os que contornam a Serra, trajecto este que proporciona impressionantes e magestosos panoramas, de um lado as escarpas da Serra que se vão esfumando no horizonte, enquanto cá em baixo se vão aproximando as águas do Oceano que se avistam até para lá das praias do Guincho e da Guia, até que passada uma hora se entra em Cascais onde há também bastante que vêr.

A Serra que corre entre Sintra, Colares e Cascais tem cinco léguas de circunferência e 450 metros na sua maior altura, erizada de caprichosas penedias, com abundantes e puras águas, um luxuriante arvoredado em vários pontos impenetrável aos mais ardentes raios solares, castelos maravilhosos como os da Pena e dos Mouros, imponentes palácios tais como o Nacional, o da Pena, o de Monserrate, jardins encantadores espalhados por toda a parte, muitos chalés e vivendas particulares, atestando todo este conjunto a prodigalidade da natureza e a magnificência dos homens de outras eras.

Sede de um importante concelho em que está encastoadada a maravilhosa pérola de Queluz, rica nos magníficos mármoreos de S. Pedro, nos vinhos preciosos e deliciosos frutos de Colares, com praias magníficas como as das Maçãs, Azenhas do Mar

e Ericeira, tem-se desenvolvido em constante progresso para o que muito tem contribuído a dedicação dos que têm estado à frente da sua administração municipal e a valiosa colaboração prestada por várias entidades oficiais e particulares.

Um dos melhoramentos locais de que a sua população mais justamente se orgulha é o Parque Municipal em que há cinco anos se transformou a propriedade do Conde de Valença, para esse efeito adquirida pelo Município, com largos arruamentos, frondoso arvoredado, muitas plantas, lindas flôres, cómodos bancos à sombra, baloiços para divertimento das crianças, situado mesmo no centro da Vila, onde se realizam festivais diurnos e nocturnos, exercícios no ring de patinagem e outras manifestações desportivas.

Foi também inteligentemente aproveitado o seu magnífico Palácio em que estão instalados um Museu e uma Biblioteca, destacando-se naquela a Sala Camiliana, com uma invulgar variedade de edições da vasta obra do grande escritor, perto de três mil volumes, uma valiosa colecção de autógrafos, quadros, desenhos e bustos, precioso recheio este oferecido pelo sintrense Simões Costa, apaixonado camilista e devotadíssimo amigo da sua terra.

Apreciável ainda a colecção de estampas, mais de trezentas, entre as quais algumas de artistas ingleses, e também devêras curiosas a Sala Etnográfica, organizada e catalogada pelo Dr. Eduardo da Cunha e Costa, outro devotado amigo de Sintra que cedeu os interessantes exemplares que a compõem, oriundos das mais características regiões do País.

Conta ainda Sintra com um importante organismo de decisiva influência turística e económica local, a Companhia Sintra Atlântico que assegura as comunicações entre a sede do Concelho e as suas mais importantes freguesias, com via férrea eléctrica que vai por Colares e Almoçagem até as praias das Maçãs e Azenhas do Mar, e com esplêndidos autocarros desde aqui até Lisboa, carreiras diárias, e de Sintra a S. Pedro.

Não sendo remuneradoras estas comunicações, a Sintra Atlântico que as mantém com manifesto sacrifício, presta ao Concelho um incontestável serviço, aliás por todos reconhecido.

*Sobranceiro à Praia da Conceição, num edifício que a Junta de Turismo local ali fez construir e que está sendo ampliado, encontramos o Palm Beach Club, Bar-Restaurante e Dancing, a nossa mais cosmopolita instalação no seu género e que se tornou o ponto de reunião preferido pela gente de bom tom da Costa do Sol, tendo-se realizado ultimamente alguns importantes banquetes particulares e de carácter diplomático.*

Uma noite animada em Palm Beach



*O pavimento térreo possui o seu bar privativo, com mesas próprias que se estendem pelo vasto terraço sobre o mar, com os seus guardas-sol multicolors, muitas flores e plantas, e no pavimento superior o restaurante dancing onde os clientes passam até alta madrugada, horas de inesquecível prazer e alegria. Ao aperitivo, à hora do banho, do chá e das refeições e ainda pela noite fora, o Palm Beach Club não tem mãos a medir para servir bem a sua clientela, cada vez mais numerosa.*

*Hotel Paris, um dos melhores do Estoril, em edifício próprio que ainda recentemente foi melhorado, com vastas e cómodas instalações, cuidado serviço de quartos e mesa esmerada, um amplo terraço ajardinado, conta na sua habitual e numerosa clientela, famílias nacionais e estrangeiras.*



## Sumário

- O MILAGRE DE ALJUBARROTA, por Rocha Martins
- REFLEXOS DO MUNDO
- CRÓNICA INTERNACIONAL., por «O Observador»
- OLIVER LYTELTON, biografia
- OS «TANKS» INVENTADOS PELOS INGLESES
- A CHEGADA DO PRESIDENTE
- A FISIONOMIA DA CIDADE, por Óscar da Silva
- QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? Responde o pintor Abel Manta
- A INGLATERRA EM ARMAS, em duas páginas
- PEÇO A PALAVRA!
- A VIDA DE CHURCHILL. O Primeiro Ministro conta os antecedentes da guerra dos boers
- A REALIDADE DO SONHO... DUMA NOITE DE VERAO por Rodrigo de Mello
- A FORÇA DA AMÉRICA
- A CAMPANHA DE LESTE, por Carlos Ferrão
- O ZOO DAS LARANJEIRAS
- PAGINA FEMININA, por Aurora Jardim
- SPORT — O MOTOCICLISMO NA GUERRA, por P. Franco
- PREFERÊNCIA DE AMOR, novela de Eugénio Vieira
- CRÓNICA ALEGRE — O ELEVADOR DA GLÓRIA, por Marçal Saldanha
- UM INVENTO INGLÊS — A RADIOCALIZAÇÃO DESCOBRE TODOS OS AVIÕES INIMIGOS
- CINEMA, de António Lourenço



*Londres não tem medo da guerra química. A sua população usa habitualmente estas máscaras. que, por vezes, ocultam, como nesta fotografia, um gentil sorriso de mulher*



## Dunhill

*O melhor  
cigarro Americano*



Importadores exclusivos

**Roque Pinto, L. da**

R. do Amparo, 94-1.º

*L i s b o a*

## PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para  
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta,  
lapiseiras, carnets, albuns para fotos, pastas para mensa-  
gens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

# O MILAGRE DE ALJUBARROTA

DE ROCHA MARTINS

**A** marcha sobre Aljubarrota fôra decidida quando Nuno Alvares, destacado da hoste real, mostrara o firme propósito de se bater.

Bem ouvira a persistente evocação do grande poder castelhano; andava em seu espirito desde Lisboa, ao apontar-se o cerco com as barcas no Tejo e a peonagem diante das muralhas; soara-lhe nas suas jornadas e nas próprias côrtes em que se elegera o Mestre de Aviz rei de Portugal.

O grande exército inimigo atormentava uns e servia de pretexto a outros para lhe aumentar o poder, ligando-se a êle.

Quasi todos os castelos de Portugal estavam pelo invasor; ricos homens, cavaleiros, gente de prol era por Castela com os eternos «homens de viva quem vence», à espera da sua paga.

Desgraçado fôsse o alviçareiro que tornasse a falar do poder dos castelhanos! Relusiam ameaças nos olhos do Condestável; rugiam as suas côleras.

Era verdade, e infelizmente sabia-se. Os soldados de D. João I de Castela contavam por três vezes mais que os portugueses. Não restavam dúvidas; mas ai de quem o dissesse!

Continuava a marchar. Os portugueses tinham-se sentido em tão pequeno número no combate pela independência, que dois anos antes, o Defensor do Reino, o Mestre de Aviz, alçado, agora, ao trono, solicitara o auxilio de cavaleiros de outros países. Acudiam os franceses, não muitos, além dos gascões. Estes eram numerosos, de apelidos ressonantes — Aruda, Donhac, Laspere, Longas e alguns mais que sendo soldados de aventura, e decerto pobres, procuravam proventos e glórias.

As relações estabelecidas com a Inglaterra permitiam maior latitude aos embaixadores. Tinham ido a Londres Lourenço Martins e até um inglês Daniel, solicitar que se consentisse o recrutamento de soldados. Tinham fama os archeiros daquele paiz, adestrados nas guerras, rijos como as próprias armas.

Ricardo II deferira o pedido e, logo no começo de 1385, ainda o Mestre de Aviz não fôra aclamado, os navios embargados em Plymouth para a condução das tropas desferraram as velas. Alguns capitães — Cobliden, Dale, Granetram, Blyltre-tenham tinham ocorrido como os senhores gascões.

Debalde os castelhanos tentaram deter as barcas; passaram através do bloqueio. Assim tinham podido juntar-se as hostes reais, não os setecentos ingleses de que fala Ximenes Sandoval, mas uns duzentos entre os quais os frêcheiros de boa pontaria. O próprio rei de Castela, na carta que dirigiu a uma cidade de Murcia os cita como a outros estrangeiros.

Não pesava muito o seu número nas mesnadas portuguesas às quais Nuno Alvares queria evitar o pânico. Acaso algum homem, por mais valente, pode achar ânimo para se bater contra três? E a proporção era aquela.

Lá ao longe, nas veigas frescas de Leiria, bem apetrechados e fartos, não lhes faltando sequer os vinhos e as frutas perfumadas os soldados e capitães castelhanos deviam sentir pelos portugueses o mesmo desprezo do seu monarca pelo que chamava «rei de Aviz».

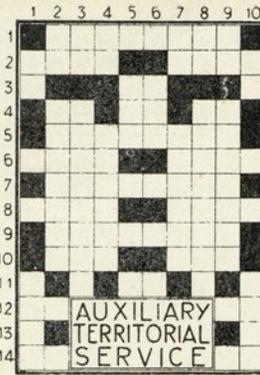
Bem sabiam que a hoste minguada e sem apetrechamento seria batida em pouco tempo. Que esperar de combatentes desprovidos? Os peões apareciam de armaduras incompletas; os cavaleiros não se apresentariam melhor. Improvisara-se tudo, na pressa da acometida, depois das côrtes, ainda em dissensões porque alguns dos capitães portugueses eram contrários ao encontro; pretendiam escapar-se à batalha. Se vinha lá o poder do Mundo?!

Nuno Alvares avançava sempre; deixando para traz a hoste real, dispondo-se a acabar, sucumbindo ao número, em heróico suicídio, como um desesperado lançando-se a mar convulso. E era um vagalhão imenso forrado de ferro, reluzente à soalheira, a ponto de deslumbrar, que vinha das bandas de Leiria. Os castelhanos aproximavam-se e com êles também alguns cavaleiros estrangeiros, correndo a aventura, como era costume, de guerra em guerra, naquelas épocas heróicas. Trinta e cinco mil homens, não menos... E bem corrigidos, e bem providos...

Quando o escudeiro que fôra às vozes voltara com o informe, a manopla de ferro do Condestável erguera-se para lhe estancar na boca as palavras mesmo com a vida.

Que ninguém o sonhasse! Sus aos faladores! D. João I conseguira fazer-se obedecer pelos seus capitães envergonhados por deixarem o Condestável na sua roia, com uma mesnada reduzida, só a sua gente.

Postos em linha de combate sob a ardência do sol de Agosto, recosendo-se dentro das armaduras, esquecidos da vida, nas dô-



PROBLEMA N.º 21

HORIZONTAIS

- 1 — Consagrado.
- 2 — Seio de mulher; Vossos.
- 3 — Contração de prep. e artigo (plural).
- 4 — Caminhos de Ferro Portugueses; A ti; Além.
- 5 — Extraordinárias pelos seus feitos gloriosos.
- 6 — Dê saúde; Chefe de algumas tribus muçulmanas.
- 7 — Pessoas do sexo feminino.
- 8 — Capicúa de vogais; Fôlhas de palma em que se escrevia.
- 9 — Naturais da Inglaterra (fem.).

- 10 — Consta; Anel.
- 11 — Preposição e artigo (masc.).
- 12 — Preposição; Letra grega.
- 14 — Artigo (pl.); Confiança.

VERTICAIS

- 1 — Medida inglesa; Que agrada à vista.
- 2 — Nota musical; Convocação.
- 3 — Preposição; Naturais do Perú.
- 4 — Piedade; Afasta.
- 5 — Ligo.
- 6 — Conheço.
- 7 — Campeão; Da côr da cêra.
- 8 — Ofereça; Guarnecer com lâminas.
- 9 — Alternativa; Vogais alternadas com uma mesma consoante.
- 10 — Único; Base duma montanha.



Solução do problema n.º 20

COM UMA ESPINGARDA E CARTUCHOS CARREGADOS DA CASA

*A. M. Silva*

FARÁ AS MELHORES CAÇADAS

Nesta casa adquirirá com garantia CARTUCHOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS, PÓLVORAS, BUCHAS, CHUMBO e todos os demais artigos para caçadores grande sortido de espingardas de caça, flauberts, carabinas de precisão, etc.

OS MELHORES PREÇOS DO MERCADO  
A. M. SILVA / Rua da Betesga, 67 / Tel. 2 5424 / Lisboa  
Armas / Munições / Artigos para Caçadores

res do sofrimento, querendo acabar depressa, cansados, cheios, de sede, porque o inimigo ficara do lado da água, os portugueses receberam, como um alívio, o sinal de batalha.

Lá em baixo, a grande massa do exército castelhano ia atacar. Depois, foi o embate; pensou-se que só um milagre poderia salvar a nação, o rei, os portugueses.

No quadrado roto, davam-se encontros de roldão, entre choques, armas contra armas, peitos contra peitos, gente portuguesa, gascões, ingleses, franceses no enroldamento dos castelhanos. Só um milagre! Só um milagre! E o milagre fez-se. Na carta escrita pelo rei de Castela à sua cidade de Murcia, resumava a verdade, após o desdém do arrogante vencido:

«Sabeis que segunda feira catorze dêste Mês de Agosto, demos batalha aquele traidor que é o Mestre de Aviz e com todos do Reino de Portugal que por sua parte tinha e com todos os outros estrangeiros, assim como de Inglaterra e Gascões que com êle estavam e a batalha deu-se desta maneira».

Contava como quem atiasse por dores de feridas no orgulho e concluía:

«Ainda que vissem isto assim, e os nossos sentissem as dificuldades, não deixassem de acometer, e, por nossos pecados fomos vencidos».

O milagre realizara-se e, ao cabo de quinhentos e cinquenta o seis anos, ainda parece maior a maravilha.

# REFLEXOS DO MUNDO

## Os pintores de guerra



o corpo a sangrar ainda por tôdas elas permanece o orgulho dos seus habitantes e de todos os cidadãos do imenso império de que é capital.

Quando amanhã se reconstruir e das casas esburacadas não restar mais do que a lembrança na memória de todos os que presenciaram a luta, muitos heróis da paz terão pena de não ter vivido nesses montes de entulho... para viverem uma hora de poesia.

Vêm-se com freqüência nas suas ruas os pintores fixando para a posteridade os sinais do momento histórico que vivemos. Metralha, pedras, o entulho transpostos para a tela.

Tais quadros vendem-se admiravelmente nos países de Alémtico-Oceano. São recordações de Londres, tocadas nas pedras do seu martírio e sacrifício, queromeiros de arte lá fôzram buscar.

## Zulus e Joe Louis



emitiu há dias esta opinião singular e que fará inveja a muitos homens.

— No lar, para haver paz, é necessário haver muitas mulheres. Com menos de vinte mulheres um homem não pode ter

tranqüilidade. Com mais de vinte a tranqüilidade é perfeita em casa.

Ora vão lá ver se o sul-africano tem ou não tem razão?!

Entretanto o campeão mundial de pesos-pesados, Joe Louis, parece dar-lha, pois, monogamo como qualquer cidadão, se não entende lá muito bem com a sua única metade e a socava valentemente, exercitando-se para o «ring». Com temor de ser posta K. O., ela requereu o divórcio.

Bastou a ameaça do divórcio para o valente marido vir logo às boas e se tornar um cordeirinho.

## Histórias de sogras



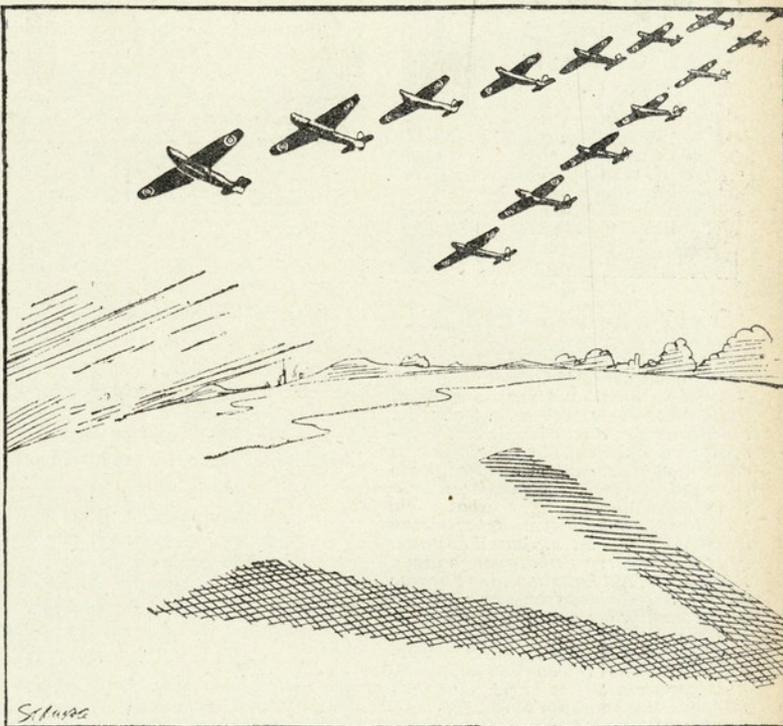
ter sucedido em qualquer outra parte do mundo.

Estavam marido, mulher e sogra. As duas passavam pelo sono e com o instinto de se resguardarem mais ainda haviam-se metido debaixo de uma mesa.

Ouvia-se o rebarbar das bombas, e num momento em que esse rebarbar era mais vivo e se distinguia perfeitamente, o marido olhou, viu que a mulher estava menos resguardada que a mãe e, instintivamente, puxou toda a mesa para cima da esposa. A sogra compreendeu e agradeceu ao genro o ser tão solícito com a filha.

## Uma anedota

O Primeiro Ministro da última guerra, Lloyd George, falava um dia num comício com



Quando a R. A. F. passa

a vivacidade e a alma que eram e são, apesar de velho, as suas características.

Entre os ouvintes encontrava-se uma senhora cujas convicções políticas não quadravam lá muito com as do eminente político.

A certa altura não se conteve e interrompeu violentamente o orador e espumante de raiva exclamou:

— Ah! que se o senhor fôsse meu marido até lhe dava veneno!

E Lloyd George muito sereno e satisfeito:

— Se a senhora fôsse minha

esposa de boa vontade eu o tomava!...

## Cécile em Paris

Cécile Sorel reencontrou há pouco tempo em Paris.

Assaltada por fotógrafos e jornalistas na estação qual não foi o seu espanto no dia seguinte ao abrir os jornais



sem ver neles o seu brilho de estrela. Interrogando os jornais soube que não fôra permitido publicar as fotos antes de examinadas.

Uma semana depois todos êles as publicavam na primeira página, com as maiores girândolas de tropos. Havia-se provado que Cécile Sorel é ariana e portanto podia-se continuar a publicar a fotografia dela e a chamar-lhe grande atriz.

Se Sarah Bernhardt visse, ela, cuja mãe era judia, teria de descer à última categoria entre a gente do teatro...

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

## Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

**M. ME CAMPOS**

★

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

LISBOA — RIO DE JANEIRO

# HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou sêco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho  
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237  
LISBOA





OLIVER LYTTELTON

**F**ALANDO de Oliver Lyttelton, alguém disse já que éle simbolizava a carreira mais meteórica da história contemporânea. Trata-se, efectivamente, dum caso de êxito pessoal rápido e justificado em que a cada novo posto ocupado, outro posto se sucede de maior responsabilidade e significação.

Oliver Lyttelton tem actualmente quarenta e sete anos. Quando estalou a grande guerra tinha apenas vinte. Filho de Alfred Lyttelton, que durante muitos anos consagrou, na Câmara dos Comuns, o nome dum das mais ilustres famílias da Gran-Bretanha, e sobrinho de Edward Lyttelton, personalidade de relevo nos annos de Eton, o jovem Oliver serviu nos granadeiros durante três anos consecutivos, de 1915 a 1918, conquistando, por feitos em campanha, as mais altas distinções.

Elemento categorizado do partido conservador, fez rapidamente uma carreira política cheia de triunfos. Representante de Aldershot ao Parlamento, distinguiu-se em algumas intervenções de grande importância e no estudo de problemas de carácter técnico. Ministro do Comércio até 1940, firmou, durante as hostilidades do actual conflito, definitivamente, a sua reputação de homem de Estado, num período particularmente difícil. Ainda recentemente, quando o governo inglês decidiu regular o fornecimento de tecidos aos principais mercados da metrópole, a sua acção se fez sentir de maneira particularmente eficaz.

Oliver Lyttelton acaba de assumir novas funções da maior responsabilidade. Nomeado delegado especial do gabinete no Próximo Oriente, com plenos poderes para resolver todos os problemas que se prendem com a acção do poderoso exército britânico concentrado naquelas paragens, a nação britânica confia plenamente nas altas qualidades que sobejamente tem revelado para levar a cabo com felicidade a sua importantíssima missão.

A nomeação dêste delegado especial, para junto do exército britânico do Próximo Oriente dá a entender, claramente, a atenção com que o Governo de Londres segue o desenvolvimento das operações naquelas paragens.

## A guerra e a paz

No mesmo dia foram pronunciados em Londres dois discursos da maior importância. O Primeiro Ministro da Gran-Bretanha falou da guerra. O Ministro dos Negócios Estrangeiros do gabinete britânico referiu-se largamente à paz. As suas declarações completam-se. O objectivo que um e outro têm em vista é o mesmo: ganhar a guerra para poder estabelecer, definitivamente, a paz.

Churchill afirmou que a situação actual não comporta para o seu país nem um pessimismo, deslocado das realidades, nem um optimismo, que pode tornar-se o ópio para um grande povo que joga os seus destinos no momento em que os destinos do mundo estão também jogo. A sua divisa continua a ser: trabalho e vigilância.

Trabalho nos campos e nas oficinas; vigilância nos quartéis e em todos os pontos que interessam à defesa nacional. Os números a que, no capítulo da produção, o Primeiro Ministro aludiu não são apenas reveladores. Constituem um prémio valioso concedido, no momento oportuno, à nação britânica, que lhe abriu, há muito, um largo crédito de confiança.

No período limitado dum ano, a população fabril aumentou dum terço, o programa de construções navais (marinha mercante e de guerra) executa-se com uma amplitude enorme, o potencial aéreo duplicou, duplicou a produção de equipamentos, a colheita dêste ano foi excepcionalmente feliz e os abastecimentos chegam, com regularidade, aos portos da metrópole britânica. É, certamente, um quadro consolador.

Dispensa a sua apresentação o mais insignificante deslize na aplicação da política de guerra em que a Gran-Bretanha assentou? "Nada nos deve fazer supor, declarou Churchill, que o maior perigo vai passado.". A hipótese da invasão não está posta de parte.

É para ela que Churchill pôs de sobreaviso os seus compatriotas demasiado optimistas. A tentativa de invasão é natural que seja precedida de uma actividade política e diplomática. Esse aspecto fundamental do problema geral da guerra foi encarado pelo Ministro dos Estrangeiros britânico, na previsão dum nova ofensiva de paz.

O sr. Anthony Eden, no discurso proferido há pouco, num almoço oferecido pela imprensa estrangeira que tem a sua sede em Londres, aludiu claramente às possibilidades, e mesmo à proximidade, dum iniciativa do Reich para se pôr termo às hostilidades iniciadas vai para dois anos mediante uma paz de compromisso

Qual é, a êsse respeito, o pensamento do governo de Londres? A sua attitude e intransigência, reveladas nas horas difíceis que a nação viveu há um ano, aparece revigorada pelo decurso do tempo, e pelo acréscimo incessante da produção e pelas próprias peripécias da luta. A Inglaterra evoca os acontecimentos que se seguiram às vitórias alemãs na Polónia e em França. Em 1939 e em 1940 o Reich apresentou propostas para uma cessação imediata das hostilidades com o Império britânico. Ambas as vezes elas foram recusadas. Que aconteceria agora se surgisse uma terceira tentativa nesse sentido? A resposta britânica seria identica. O que significa que a Gran-Bretanha encara apenas o termo vitorioso da guerra em que se envolveu.

O OBSERVADOR

### A chegada de Carmona

Depois duma viagem triunfal aos Açores, em que a alma portuguesa vibrou de entusiasmo patriótico, numa indiscutível afirmação de unidade moral e intelectual, o Chefe do Estado desembarcou simbolicamente, na Praça do Império, onde foi alvo duma magestosa manifestação do povo de Lisboa. Foi uma jornada admirável em que a figura excepcional de Carmona foi o alvo luminoso, a expressão de unanimidade absoluta da Nação. A seu lado, Salazar, com o seu labor silencioso, mas constante, a quem se deve, pela iniciativa feliz, mais uma data viva na nossa História. Dias antes, numa homenagem directa, o coronel Egerton, falando ao microfone da B. B. C. afirmava: depois de recordar a velha aliança, que tem seis séculos e a fraternidade de armas luso-britânica na guerra peninsular e na confagração europeia: «Quando chegar a altura da reconstrução do continente, quando terminar a guerra faremos bem em olhar para Portugal e aprender dêle algumas lições. Há lá muito que aprender».

### A guerra na estratosfera



Graças às famosas «fortalezas voadoras», a R. A. F. domina agora a estratosfera. Cidades, portos, navios de guerra são bombardeados, sem que seja possível descobrir êsses aviões, nem

sequer ouvir pelos processos acústicos agora utilizados, a sua marcha nas alturas geladas do espaço. Os torpedos aéreos são lançados à distância de três quilómetros do alvo e, pelo menos a uma altura de onze, que permite aos pilotos ver a curvatura da terra. É, terrivelmente, magnífico! A conquista da estratosfera é um factor decisivo para a marcha da guerra. Implica o domínio do espaço a altitudes onde o adversário, com os seus actuais recursos, não pode chegar. Resta dizer que os Estados Unidos começaram já o fabrico em série das «fortalezas voadoras».

### 500 mil contos

Salazar acaba de destinar, num plano impecável de construção, quinhentos mil contos às escolas primárias. O problema fica definitivamente resolvido. Milhares de escolas vão florir, na sua brancura imaculada, por êsse país, em todas as aldeias e nos logarejos mais humildes. Portugal converte-se assim, num grande livro, em que as letras do alfabeto serão mais belas e radiosas, saindo da sombra da escola triste, ou improvisada. Cada uma será um jardim de almas e cada alma um cântico de amor pela Pátria. Saber ler é amar Portugal. É o que quer Salazar!

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**  
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L<sup>a</sup>

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.<sup>a</sup>, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



OS FAMOSOS TANKS «VALENTINES» QUE, EM TORRENTES, SAEM DAS FÁBRICAS INGLÊSAS E QUE HOJE, PODE DIZER-SE, CONSTITUEM A COURAÇA IMPENETRÁVEL DA GRAN-BREITANHA

## OS “TANKS”, INVENTADOS PELOS INGLÊSES

ESTÃO A SER POR ÊSTES APERFEIÇOADOS E CONSTRUÍDOS EM LARGA ESCALA

A conflagração de 1914-18 teve, sob o ponto de vista militar, uma característica fundamental: as frentes imobilizaram-se, por longos períodos de tempo, consumindo-se os adversários num desgaste recíproco e estéril. Sempre que a batalha se travava, o resultado resumia-se a uma montanha de vidas e a um desgaste quasi inverosímil de material. Os Estados maiores sonhavam com um método eficaz de furar a linha de defesa inimiga, explorando, depois, até às últimas conseqüências, o resultado

inicial. A isto se chamava, com certa propriedade, a guerra de movimento.

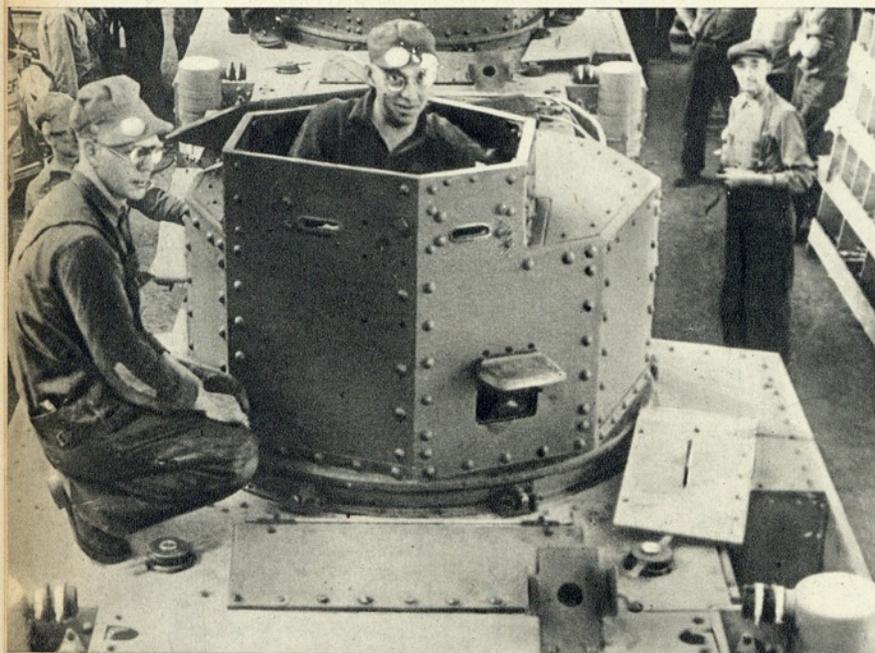
Os exércitos partiram, em 1914, a pé. As concentrações faziam-se pelos métodos tradicionais, velhos de alguns séculos. A utilização do caminho de ferro em longa escala e o transporte de reserva por meios similares não constituíam uma inovação capaz de alterar a maneira habitual das operações preliminares da luta. A utilização de veículos automóveis chegou mesmo a representar um motivo de dificuldades, perturbando o

trânsito nas estradas e impedindo a realização de determinadas manobras técnicas indispensáveis.

A deslocação na mobilidade dos exércitos não traduzia, nem de longe nem de perto, uma transformação essencial nas condições estratégicas do combate. As tropas podiam deslocar-se com uma facilidade maior. Essa vantagem inicial era anulada pela multiplicação e pela eficiência dos meios de defesa, entre os quais a metralhadora ocupava um lugar de honra, Liddell Hart pode escrever, com razão,



Um grupo de "Valentines", em exercício. Este blindado, cujas características se conservam secretas, é superior em resistência, velocidade e potencial de fogo a todos os modelos continentais



A produção em Inglaterra, destas formidáveis fortalezas móveis, assume fantásticas proporções. A montagem da torreta de um tank ligeiro

que a facilidade que os combatentes tinham de se deslocar a uma velocidade de cinquenta quilómetros não servia de nada perante a resistência dos obstáculos táticos. Praticamente essa velocidade era igual a zero. A inovação apenas serviu o progresso das condições de abastecimento das forças empenhadas na luta. Para ressuscitar a guerra de movimento os homens multiplicaram os elementos em que o ataque costuma apoiar-se.

Recorreram ao aumento e à concentração da intensidade do fogo, (artilharia pesada, morteiros, lança-chamas) não reparando que estas armas seriam, simultaneamente, a ofensiva e a defensiva e que o seu uso não bastava para ressuscitar a guerra de movimento.

Até que, nos campos de batalha, fez a sua aparição o engenho blindado e sem rodas, baptizado com um nome que rapidamente se consagrou: o tank. Logo se reconheceu que nenhum instrumento, como aquêle, era susceptível de vencer a resistência das armas portáteis. Os peritos unânimes concordaram em que esse facto inesperado caracterizava a fase final das hostilidades na Europa.

O tank foi empregado para aumentar, no local, a capacidade de movimento das tropas. Antes que a sua utilização se clarificasse com a experiência, a mistura, por vezes inextricável, das massas motorizadas com os veículos hipomóveis complicou as manobras de retirada, já dificultadas pelo emprego crescente da

arma aérea. Mas as operações que, na frente ocidental, se desencadearam na primavera e no verão de 1918, vincaram a importância dos novos engenhos de guerra que a indústria britânica introduzira vitoriosamente nos campos de batalha.

Os exércitos criados depois dessa data procuraram desenvolver, em quantidade e em qualidade, o uso do tank, utilizando a lições recebidas.

Em França, o general De Gaulle, na Gran-Bretanha, o general Martel, na Alemanha, o general von Keitel patrocinaram a doutrina da motorização total e a criação de corpos especializados capazes de intervir decisivamente num conflito armado. Os exércitos do Reich nas campanhas da Polónia e da França fizeram das suas divisões blindadas o principal factor do avanço. As "Panzer" adquiriram renome mundial e o seu aparecimento bastou, em determinada circunstância, para alcançar resultados militares e políticos imprevistos.

A Gran-Bretanha, que, ha vinte e dois anos, lançara a inovação, procurou afinadamente recuperar o tempo perdido. Os seus especialistas, os seus quadros e os seus carros têm causado a melhor impressão. Alguns nomes, postos em voga pelo bom humor britânico, enchem o noticiário dos jornais e os centros de reunião: "Matilda", "Valentine", "Churchill". No Próximo Oriente alguns desses modelos deram já as suas provas concludentes. O governo de Londres confiou a produção de engenhos blindados a um dos seus elementos mais categorizados: Lord Beaverbrook. Esta escolha basta para demonstrar a decisão britânica de alcançar rapidamente uma superioridade que lhe permita afastar qualquer risco de invasão e aumentar o seu potencial ofensivo.



Como se aprende a manobrar um tank. A primeira lição

# CARMONA! CARMONA! CARMONA!



*O Chefe do Estado, acompanhado do sr. dr. Oliveira Salazar, dos ministros do Interior e da Marinha, que o acompanharam aos Açores, e dos outros membros do Governo, desembarcá na Praça do Império*



*A esposa do Chefe do Estado, rodeada de senhoras, que a foram cumprimentar a Belém*



*O sr. general Carmona da varanda do jardim do palácio de Belém, ante a enorme praça, literalmente coalhada de povo, agradece as aclamações entusiásticas*



*Como uma avalanche, a multidão precipita-se para os muros do palácio presidencial saudando Carmona*



*O presidente da República entre a guarda de honra e a multidão*

UM PORTUGUÊS EM LONDRES

# A FISIONOMIA DA CIDADE

A característica principal de Londres era o enorme movimento de veículos e de peões nas suas artérias principais.

Sobre esse aspecto a fisionomia de Londres modificou-se um tanto logo que a guerra começou. Desapareceram das ruas muitos automóveis particulares, taxis e auto-onibus que foram mobilizados e o movimento perdeu em intensidade, ganhando em rapidez, e conservando a ordem anterior. Modificação subtil de que só quem conhecesse Londres muito bem antes da guerra se aperceberia.

Meses depois, quando o londrino já estava habituado à nova ordem de coisas, vieram os ataques nocturnos a que, não sei por que razão, se convencionou, tacitamente, chamar «blitz». — Não vale a pena discutir aqui a razão deste nome tão descabido, nem vale a pena a revolta contra ele: chama-se «blitz» a uma das fases da Batalha da Grã-Bretanha — o bombardeamento de Londres, que começou em 7 de Setembro de 1940 e se manteve sem interrupção durante o resto do mês de Setembro e todo o mês de Outubro, e começou a afrouxar na segunda quinzena de Novembro até parar em Maio.

Uma calamidade desta ordem havia fatalmente de alterar a fisionomia da cidade. Essa modificação passageira foi consequência da alteração da vida do londrino. De 7 de Setembro por diante, os oito ou mais milhões de habitantes de Londres começaram a passar as suas noites nas caves dos grandes armazéns, nas estações dos caminhos de ferro subterrâneos ou nas caves dos grandes estabelecimentos ou mesmo nas estações dos caminhos de ferro subterrâneos, pois que essas pessoas passavam, assim, a fazer parte duma nova comunidade composta pelos outros habitués do mesmo abrigo, plataforma ou tunel. Para essas pessoas as suas casas tornaram-se, durante as curtas visitas, que faziam de manhã ou ao entardecer, lugares deliciosos de conforto.

Por outro lado, as famílias que passavam as noites nas caves das suas próprias casas, viviam uma vida se não tão dramática certamente não menos romanesca. A vida do lar, em vez de terminar de todo, tornava-se talvez mais intensa, pois que, a partir das seis ou sete horas da noite, se juntavam ali todos os membros da família, para passar em comum cerca de 10 ou 12 horas. Como não é possível passar 10 ou 12 horas a dormir, não havia outro remédio senão conversar. A intimidade da família tornava-se mais profunda.

Todos aqueles que conheceram ou visitaram Londres antes da guerra concordam em geral que o londrino é pouco comunicativo. Essa característica do habitante de Londres modificou-se temporariamente. O londrino tornou-se loquaz. Metia conversa. Toda a gente falava com toda a gente.

A bomba era o assunto favorito e obrigatório. A pouca e pouco, porém, o londrino foi-se tornando «blazé» de bombas. Começou a ser de mau gosto contar histórias ou falar de bombas. Quem não podia resistir à tentação de contar uma historiazinha era alcunhado de «bomb-borer» — maçador com bombas — e por mais interessante que fosse a sua história todos se afastavam e falava-se doutra coisa.

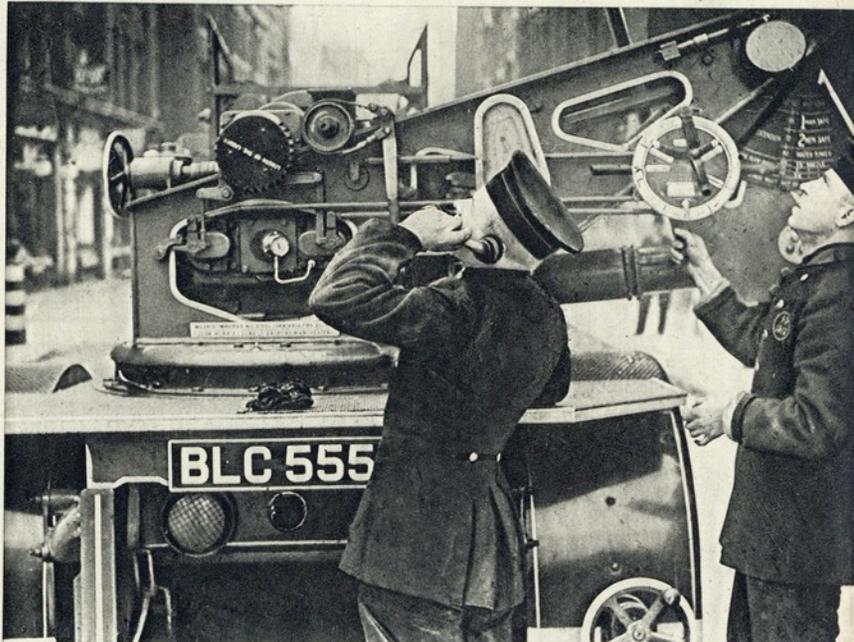
Os estragos materiais produzidos pelos bombardeamentos também não conseguiram alterar grandemente a fisionomia da cidade, porque, quando são reparáveis, as reparações fazem-se com grande rapidez e também porque durante estas semanas em que não tem havido «blitz» as brigadas de desentulhadores têm limpo todos os destroços e, desta sorte, nos sítios onde faltam prédios ficam-se com a impressão de que há obras e, a não ser nos poucos pontos em que vários prédios sucessivos arderam ou ficaram demolidos, a fisionomia, por assim dizer, física da cidade também não se alterou grandemente.

Tirando o «black-out», a diminuição do trânsito e o efeito produzido pela destruição de 10 ou 12% dos prédios da cidade, Londres continua a ter a mesma impassibilidade de sempre e não se deixa impressionar pela guerra.

OSCAR DA SILVA



O embaixador da Gran-Bretanha em Moscovo, Sir Stafford Cripps, em Londres, quando foi conferenciar com o seu governo após a invasão da U. R. S. S.



Em virtude do plano gigantesco de reconstrução das casas atingidas pelo fogo do inimigo, algumas delas têm de ser demolidas. Eis uma equipa trabalhando



## **O REI DE INGLATERRA É O PRIMEIRO SOLDADO DO IMPÉRIO**

*Jorge VI, depois de passar revista a um batalhão da famosa «Home Guards», que, celebrando o primeiro aniversário da sua constituição, esteve de serviço ao palácio de Buckingham, conversa com dois dos seus oficiais*



*Lisboa é isto, flores, jardins, pintada pelo azul do céu e emoldurada em cristal, pelo rio maravilhoso, que oferece, no alto de cada colina, um aspecto de beleza e de grandesa sempre diferente*

## QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA?

Responde o pintor ABEL MANTA

*Abel Manta fala-nos hoje desta Lisboa de mil côres, que é das mais lindas telas citadinas do mundo. Vê-a como pintor, um pouco triste de lhe terem roubado alguns cambiantes, esta e aquela tonalidade. E depois de lhe notar o senão, a sua voz eleva-se, glorificando-a e descobrindo-lhe alguns dos seus mais curiosos motivos pintorescos.*

*Eis o que diz o ilustre artista.*

Com aquela «mão de vê» com que há uns dois anos a lambuzaram, perdeu Lisboa talvez o seu maior encanto.

A nossa Lisboa será por muito tempo ainda uma grande «maquette» uma cidade de papelão pintada à pistola com aquelas horrendas tintas que agora se usam e que têm o «mate», a côr e o sabor desagradável das amendoas baratas.

Aquela fina «grisaille» de madre-pérola onde sobretudo os brancos eram de uma riqueza de tentar Cezanes, Renoirs Friezes e Utrillos, levou-as o diabo.

O próprio sol de Agosto — brutal, provinciano e democrático como lhe chamava o Sá Carneiro — quebrava as suas fúrias de encontro ao casario patinado e aos telhados musgulentos.

Vê-se que, como para limpar uma pintura, também limpar uma cidade não é tarefa fácil. Há que respeitar a colaboração do tempo que dá nobreza às coisas, como dá sabor aos vinhos.

Mas, aparte esta contrariedade que mais 3 ou 4 anos repararão, e o da razia que o ciclone fez no escasso arvoredado dos escassos jardins, mantem a capital alfacinha a mesma graça e originalidade.

Pena é que as missões de estetica, em vez

de mandarem os jovens pintores por essas provincias, reproduzir os aspectos dos burgos, as eternas ruasinhas e monumentos com carrinhos e rebanhos, as já estafadas flanelas de xadrez da Nazaré, os triviais trajos minhotos e todo êsse folclore mais cansado já que o chá do Tolentino, não os mande e anime a pintar esta Lisboa a terra do país que, como o Pôrto, mais tem que pintar.

Que espreitem a cidade pelas trapeiras e varandas altas, e verão que é um nunca acabar de motivos inéditos.

Que vejam, para não ir mais longe, esta praça do Camões e o Chiado, com os tons e humidades do outono próximo; que olhem o Rossio de todos os lados e angulos do alto dos hotéis, por Santa Justa, S. Pedro de Alcantara ou St. Ana.

Desçam a calçada do Combro ao lado do guarda-freio; olhem o Castelo e reparem em St. Catarina pelo Sá da Bandeira ou pelos escritórios do Conde Barão, passeiem êsse cais desde Santa Apollonia e Alfama até Alcantara, reparem na gente e na vida que anima tudo isso a todas as horas, com todas as luzes e em todas as épocas, com sol e com chuvas, e dêem-me notícias.

Não abusemos nem macemos mais o público com a enfadonha pintura rural e regional.

Que é difícil já a gente sabe, olha o favor, mas vale a pena tentar porque o que há feito pouco é.



*O Chiado elegante, através da folhagem da tilia do Camões, poleiro zombeteiro dos pardais da cidade*



### **A PRECISÃO DOS BOMBARDEAMENTOS DA R. A. F.**

À luz do dia, num raído implacável, aviões pesados ingleses bombardearam a cidade de Comines, no norte da França, onde destruíram as geradoras eléctricas, tendo atingido, por várias vezes, a casa das máquinas. No rectângulo pontilhado, o inimigo camuflara vários depósitos de munições e abastecimentos, que também foram destruídos. Esta fotografia foi tirada minutos depois de tão violento raído



Uma visão à Rembrandt. À luz do acetilénio, um calceteiro conserta um passeio



Comunicações cortadas. Durante a noite, os operários reparam os fios telefónicos



Em frente da igreja de S. Roque, o pessoal da Carris vai substituir um troço de linha, à luz dum potente foco eléctrico

## ENQUANTO A CIDADE DORME

QUANDO a noite desce das alturas silentes, mãos invisíveis desdobram entre os dedos mágicos um véu de neblina e, sob êsse docel de sombra, franjado de estrêlas, as cidades repousam das suas fadigas e adormecem, a sonhar.

Enquanto a população dorme, repousando das fadigas da permanente agitação da vida à luz do Sol, e após a extinção dos esplendurosos cenários radiantes de luz consagrados aos prazeres nocturnos, surge, pelas artérias que convergem ao coração do burgo, uma multidão que trabalha, sob o pranto das estrêlas em plena rua, ou nas galerias do subsolo. No momento em que esmorecem os derradeiros ecos da vida nocturna e os últimos «eléctricos» levam os retardatários ao sossêgo dos bairros recolhidos, começa o trabalho nas ruas.

Bandos de operários, empunhando picaretas e outros instrumentos, arrancam as pedras da calçada, a golpes vigorosos e contundentes, outros removem massas de terra negra que fumeja na fermentação do humos, saturada de elementos minerais. Outros arrastam madeiros e pesadas máquinas, enquanto grupos curvados e informes torcem vigas de ferro, fazendo ranger calabres de aço esticados por torniquetes que mordem as fibras do metal, martelam, pregam cravos, limam arestas, ajustam massas disformes de ferro que saem rubras das fogueiras ateadas em labaredas, a sangrar na escuridão, como forjas de Vulcano.

De madrugada, outros muitos operários, vigorosos e alegres, cheios de confiança na vida, em que o trabalho tem o mais belo e nobre lugar, descem aos subterrâneos, engolfam-se na treva dos túneis, que parecem desfiladeiros, percorrendo-os com passo firme e cantarolando enquanto procedem a reparações nas paredes que ressumam humidades salitrosas e, por vezes, entre núvens de fumo sufocante. Revolvem as chagas do subsolo, auscultam as dores e as alegrias da cidade adormecida e voltam à superfície quando o Sol rompe a cobrir, com o seu rutilante manto de ouro, as belezas e encantos que se irradiam duma população em plena actividade.

O trabalho da cidade noturna começa ao lusco-fusco, quando desfila pelas vielas dos bairros tristes a estranha procissão de vaga-lumes, e termina quando a noite desmaia e deambulam pelas ruas desertas, os noctâmbulos e as borboletas que não suportam a luz do dia.



Na cidade deserta, os homens trabalham, arranjando os passeios das ruas, numa rápida tarefa, antes que o transitio recomece

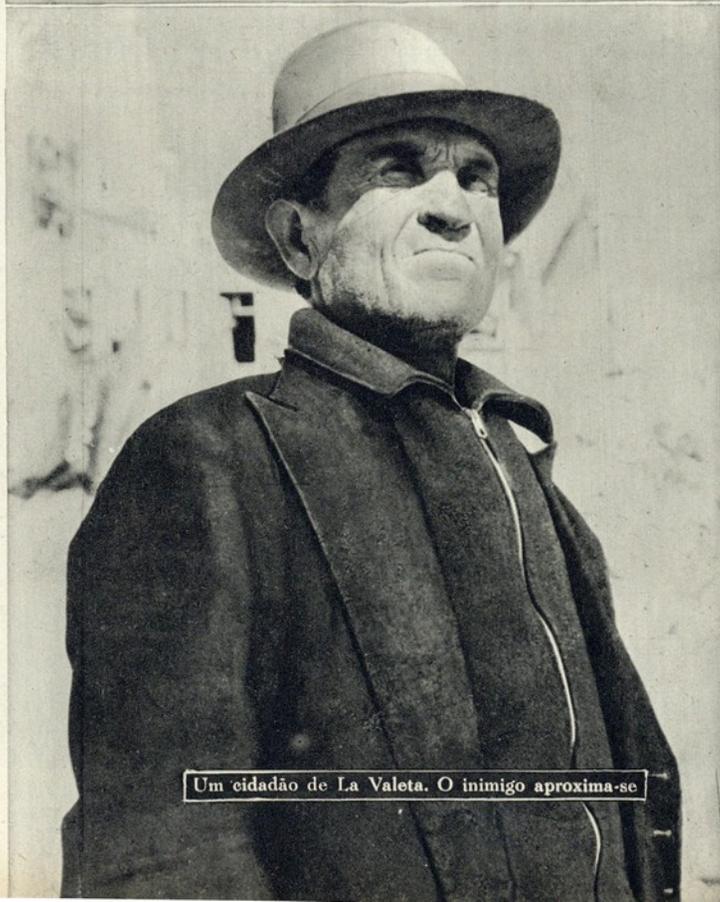
# MALTA, A ILHA HEROICA



A maior barragem do mundo repele os aviões



Um raid. 70 anos; "ela" não tem medo



Um cidadão de La Valeta. O inimigo aproxima-se



Mais um raid. A vida não pára



Um aspecto curioso da capital de Malta

# A INGLATERRA EM ARMAS!



Os olhos do grande Império inglês vigiam tôda a África e o Próximo Oriente, num vértice geográfico, político e militar, que se tem revelado indestrutível. Cêrca de um milhão de homens aguardam no Egito a hora H. da ofensiva contra a Líbia



A Inglaterra tem hoje o melhor armamento do mundo. Os seus técnicos militares produzem novos engenhos de guerra ou aperfeiçoam os existentes. Eis um lança-chamas, de peso mínimo, que expelle uma torrente de fogo à temperatura de 2.200 graus



A Austrália patrulha o Pacífico. Os seus aviadores, com os seus camaradas americanos, têm o domínio do ar. A bordo de um "Lockheed Hudson"



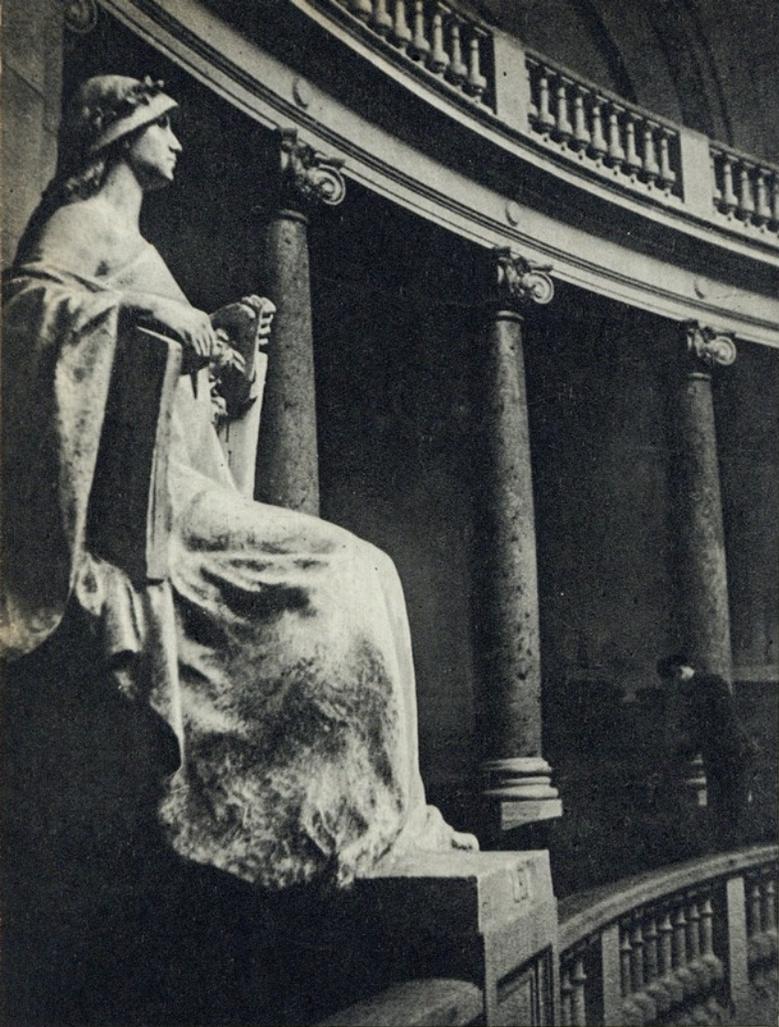
Outra imagem do potencial bélico da Gran-Bretanha. Lanchas-motor, ultra-velozes e super-armadas, destinadas à caça dos submarinos e dos aviões



A batalha do Atlântico decrece. As esquadras americana e inglesa vigiam a linha vital. Um hidro-avião "Catalina", do mesmo tipo daquele que referenciou o "Bismarck", largando da bóia



Foi assim que os soldados das Fôrças Livres Francesas, desfraldando a bandeira tricolor, entraram em Damasco, juntamente com as fôrças inglesas



*Majestosa, a estátua da Lei ergue-se, dominadora, no hemiciclo, com os seus símbolos eternos*

# Peço a palavra!

O magnífico Palácio de S. Bento é, no dizer de Ramalho Ortigão, «o mais importante, o mais belo de todos os recintos portugueses edificados durante o período dos últimos anos».

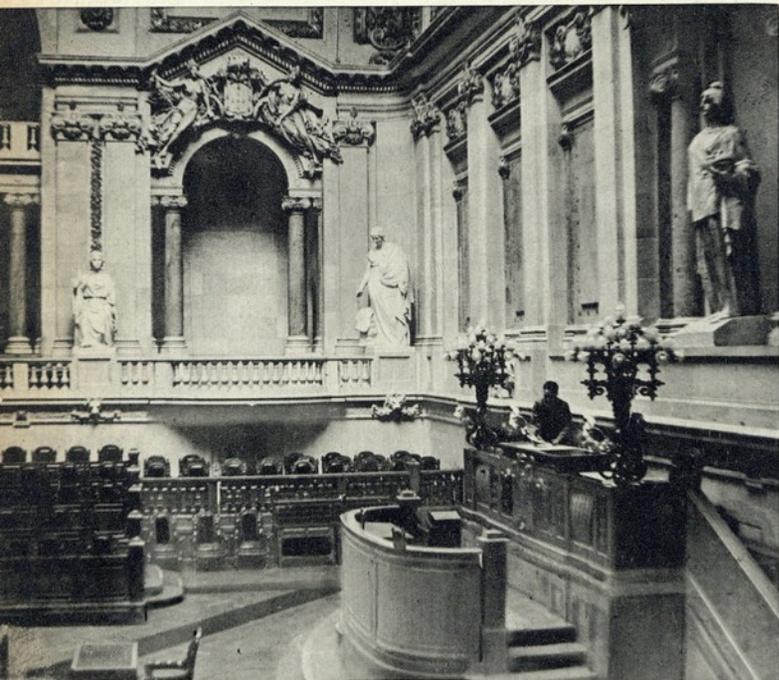
Mas no tempo do luminoso cronista das «Farpas», o empolgante edifício, embora com a «expressiva clareza» das linhas harmoniosas e as sugestões de beleza que o seu architecto lhe soube imprimir, não tinha o mesmo aspecto magestoso e cheio de solenidade, a magnificência da expressão exterior que o Palácio da Assembleia Nacional adquiriu depois das obras, notáveis ali realizadas pelo Estado Novo a quem a Nação tanto benefício deve. A conclusão do magnífico edifício foi subordinada ao ante-projecto de Ventura Terra, salvo algumas modificações introduzidas pela Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

O arranjo completo do corpo central da fachada nobre, projecta, ao alto da escadaria monumental, toda a grandeza do palácio onde decorrem os actos solenes da vida política da Nação. Esse corpo architectónico destaca-se no magestoso cenário e oferece um aspecto maravilhoso de beleza artística, em linhas cheias de harmonia e sobriedade, com as colunas elegantes, as curvas airozas dos arcos, os frisos graciosos de pedra lavrada, sob a esplendente teoria de figuras simbólicas que glorificam as forças espirituais e criadoras, no frontão moldado por mestre Simões de Almeida.

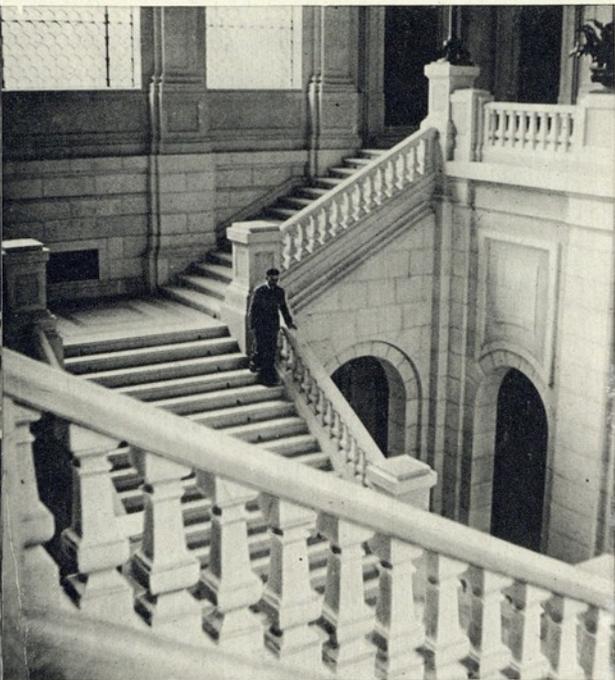
Foram, há pouco, ali colocadas as quatro estátuas, talhadas em pedra lioz, que representam a «Prudência», a «Temperança», a «Fôrça» e a «Justiça» e são, respectivamente, dos escultores Raul Xavier, Barata Feio, Costa Mota e Maximiano Alves. Na escadaria, já estão assentes quatro elegantes e altas colunas com aros para a suspensão de candeeiros monumentais, em ferro, saídos da Fundições de Canhões. Fica assim quasi concluída a urbanização do local, a que se seguirá o arranjo da parte junto ao sítio onde foi demolido o velho arco de S. Bento. O embelezamento do lugar será ampliado com a chamada zona de protecção ao Palácio da Assembleia Nacional.

Quanto aos interiores, a renovação é quasi completa, pois fizeram-se arranjos em todas as salas e corredores, com especial referência os salões destinados ao governo, aos Presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa; concluíram-se duas bibliotecas, cuidou-se da instalação do aquecimento e da electricidade, dos elevadores e de outros melhoramentos e da construção de um salão no andar nobre, que será decorado com «frescos» de vários pintores. Vêem-se também frisos escultóricos de Leopoldo de Almeida.

Os maiores artistas da nossa terra, e muitos outros nomes de prestigio ficam ligados às obras de conclusão do magestoso palácio cívico.



*Uma das salas das sessões, depois do embelezamento que sofreu, vendo-se ao fundo a tribuna dos diplomatas*



*A escadaria monumental do edificio, tão nobre nas suas linhas decorativas e architectónicas*



Unas gloriosas. Churchill, acompanhado pelo embaixador americano em Londres, John Winant, visita Bristol entre a aclamação entusiástica da população

## A VIDA DE CHURCHILL

O Primeiro Ministro conta os antecedentes da guerra dos Boers

Em Dezembro de 1895 ocorreu na África do Sul um acontecimento que, quando reflecto nele, me dá a impressão de ter sido uma fonte de desgraças. Lord Salisbury tinha voltado ao poder, no verão anterior, com uma maioria de cento e cinquenta votos e esperava manter-se muito tempo no poder. O seu primeiro trabalho consistiu em apagar as recordações do desastre de Gladstone, no Sudão, quando da morte do general Gordon e da sua rendição no Sul da África, após a nossa derrota em Majuba Hill. Nesse sentido trabalhou com lentidão, prudência e perseverança. Manteve cautelosamente a paz na Europa e empenhou-se em manter a tranquilidade no interior do país.

Quando a expansão russa no Extremo Oriente ameaçou os interesses da Grã-Bretanha e a existência do Japão, não teve dúvidas em recuar. Deixou a esquadra britânica da China receber uma ordem dos russos para abandonar Porto-Artur. Suportou os ataques da oposição liberal, que o acusava de pusilanidade. Quando recebeu dos Estados Unidos uma nota por causa da Venezuela, que no fundo equivalia a um ultimato, enviou uma resposta moderada, que afastou a tempestade. Limitou-se a cuidar do império britânico e a guardar uma inteira liberdade de movimentos no Sudão e no Transvaal.

Foi neste meio que se desenvolveu a actividade de Chamberlain. O grande «João», que mantivera Lord Salisbury no poder entre 1886 e 1892, fora um dos principais autores dos ataques que provocaram a queda dos liberais. Por último decidiu-se a participar no governo de Salisbury. O ministério das colónias, que até ali fora considerado um posto secundário, tornou-se nas suas mãos um instrumento criador de política nacional. Salisbury, que não

perdia de vista o ajuste de contas que projectava com o Califa de Khartoum e com o Presidente Kruger, encontrou nos imperialistas radicais de Birmingham um auxilio caloroso para os seus projectos africanos.

Para além destas correntes pessoais, os acontecimentos na África do Sul iam rapidamente provocar uma crise. A exploração das minas de ouro do Rand fizera de Johannesburgo, em poucos anos, um factor importante nos negócios financeiros e económicos da Inglaterra e de todo o mundo. A República de lavradores boers, que até ali se contentavam com uma vida rústica nas terras para onde os seus avós tinham emigrado, encontrou-se de repente na posse de vários rendimentos provenientes das minas de ouro e responsável por uma grande cidade moderna cuja população poliglota aumentava rapidamente. Em Pretória criou-se um núcleo do governo, poderoso e cheio de ambições, que se tornou o centro das aspirações holandesas em todo o sul da África. Esse governo vivia à custa das riquezas que, cada vez com maior abundância, se extraíam das minas de ouro. Dirigiu-se à Holanda e à Alemanha para conquistar apoios e amizades na Europa.

Por detrás d'ele encontrava-se a força considerável de cinquenta ou sessenta mil lavradores boers, cheios de preconceitos e fiéis à sua causa, os quais constituíam o melhor exército de atiradores a cavalo que o mundo conheceria e os guerreiros mais hábeis depois dos mongóis.

A população nova de Johannesburgo — os estrangeiros, como lhe chamavam — na qual predominava o elemento britânico, estava descontente com a administração, muitas vezes corrupta, do governo

boer, e ainda mais com as taxas pesadas que aumentavam constantemente. Renovou-se o antigo grito: Nada de impostos sem representação». Pediu-se o direito de voto. Mas como o seu número teria feito desaparecer o regime boer, substituindo-o pela soberania do Transvaal entre as mãos britânicas, a ue fôra arrancada em 1881, as suas justas reivindicações não foram satisfeitas.

O sr. Chamberlain, sempre apoiado por Salisbury, fêz-se o campeão da causa dos estrangeiros. No papel, sob o ponto de vista democrático, o caso era de uma clareza enorme. Mas nunca foi possível persuadir alguém a dar a pele. Os velhos habitantes do Transvaal não cederiam a sua posição, pelo menos não cederiam parte dela, aos que chegavam, por muito numerosos e poderosos que estes fôsem. Aplicando-lhes impostos pretendiam criar as receitas necessárias para os dominar. Se estas divergências tinham de terminar por uma guerra, o presidente Kruger e os seus colegas não viam razão para que a Europa não intervisse em seu favor, mantendo-se como senhores de toda a África do Sul. A sua causa parecia-lhes boa. Não se tinham eles refugiado no interior para evitar a dominação britânica e a intervenção constantedesta, interpondo-se entre eles e os seus escravos? Afirmavam que o braço do imperialismo britânico, ávido de ouro, os obrigaria a acolher-se aos últimos refúgios. Chamberlain respondia que eles se recusavam a dar direitos de cidade aos elementos modernos e produtivos que constituíam para a riqueza do país, receando que estes os impedissem de chicotear os seus servos.

(Continua na pág. 29)



O grande ministro com o dr. Bénéš, chefe do governo da Checoslováquia



Helena e Hérnia, as duas apaixonadas da famosa peça de Shakespeare, que se representou no Parque das Laranjeiras, numa tradução de Charles David Lay e dr. Gaspar Simões

## A REALIDADE DO SONHO... DUMA NOITE DE VERÃO

TESEU: — «Now, fair Hippolyta, our nuptial hour  
Draws on apace: .....

... A hora nupcial de que os amantes falam em «A Midsummer — Night's Dream», acordou a Bela adormecida no Bosque. E a Bela — era a própria alma do velho parque!

A noite fez-se luar — e o luar era véu branco de noivado. «Puck», o géniosinho malicioso, espreitou, saltitante, por detrás de troncos, idosos nas rugas da casca mas verdadeiramente jovens na folhagem — inquieta e travessa como ele.

Os pássaros juntaram trilos sábios às notas da partitura, pensando, com justeza, que a Festa era também sua, porque os versos e a música ascendiam como águilas.

As amélias, trigueiras e paradas dum comprido sono, deram eco a diálogos de amor, estremeceram na bênção da luz inusitada e ficaram-se, pávidas de saúde, — mais trigueiras e paradas e dormentes — quando a noite se tornou outra vez noite e o silêncio voltou, após ramarias e aves suspirarem o Adeus agradecido ao paréntesis-de-vida.

Mas, enquanto certa personagem, n'uma voz de símbolo, aparentava as lutas dos homens com as desavenças dos astros, — os homens que assistiam pararam de sorrir, por um instante; os astros, no alto, é que pareceu sorrirem mais...

Quanto às mulheres, só a cena do filtro castigador — que condena Uma a apaixonar-se pelo Primeiro Avistado (um oca-



Puck, um génio da floresta, enfeiteça Lisandro, derramando-lhe nos olhos um filtro de amor

sional jumento...) — as faz engelhar as testas, excepcionalmente pensativas.

Gramíneas secas, heras e musgos, a própria brita das alamedas, — tal como as opulentas árvores e as pedras nobres dos muros — sentiram sôpros de bailes leves, bem diferentes dos da nortada. E foram grandes, fortes, ativas, — só porque sentiram!

Vozes na noite — que era Luar!  
Dansas ao luar — que era Véu de Bodas!  
A Bela adormecida no Bosque — a própria alma do velho parque — despertou.

Sòmente, para não ser brutal brusca a mutação, Ela não abriu os olhos para a realidade: do sono, passou ao sonho — o «Sonho duma noite de verão»...

Os seis «mestresiros», ingénuos e labregos, inventaram o toско e bem intencionado auto festejador do esponsal. Bailavam, desageitados, pitorescos.

... Tanto bastou para que uma fonte invisível — mas que, por milagre, arranjava olhos (razos de água!) para ver — transformasse a cantilena triste de ladainha em timbrado riso de donzelita com olhos bem enxutos e contentes. Também um melro, apreciador do cómico, silvou então, muito feliz.

E a brisa ligeira fez-se, tôda, numa gargalhada que tornou aplausos o bater das fôlhas verdes.

Contudo, foram as figuras mitológicas — as mais distantes dos humanos... — as mais bem compreendidos pelos vegetais e pelas pedras antigas: árvores, amélias, ervas, musgos e areias de veredas.

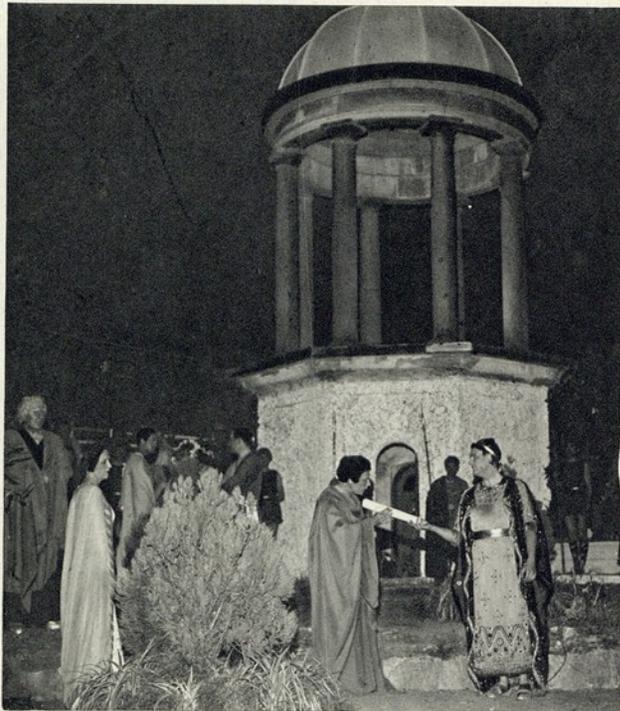
... E quando a Magia findou, morto o último acorde, extinto o derradeiro verso, desaparecido «Puck» na cabriolante vénia final, deserta a cabana de colmo dos rústicos «mestresiros», — restaram almas a povoar o Parque e a velar o sono em que a Bela caiu outra vez. Almas — velando outra alma dormida... Para sempre — sempre! — se acoitou na música da Fonte a música divina...

Para sempre — sempre! — ficaram no rumorejo dos ramos frases de Shakespeare, que «Puck» lhes ensinou.

Rodrigo de Mello

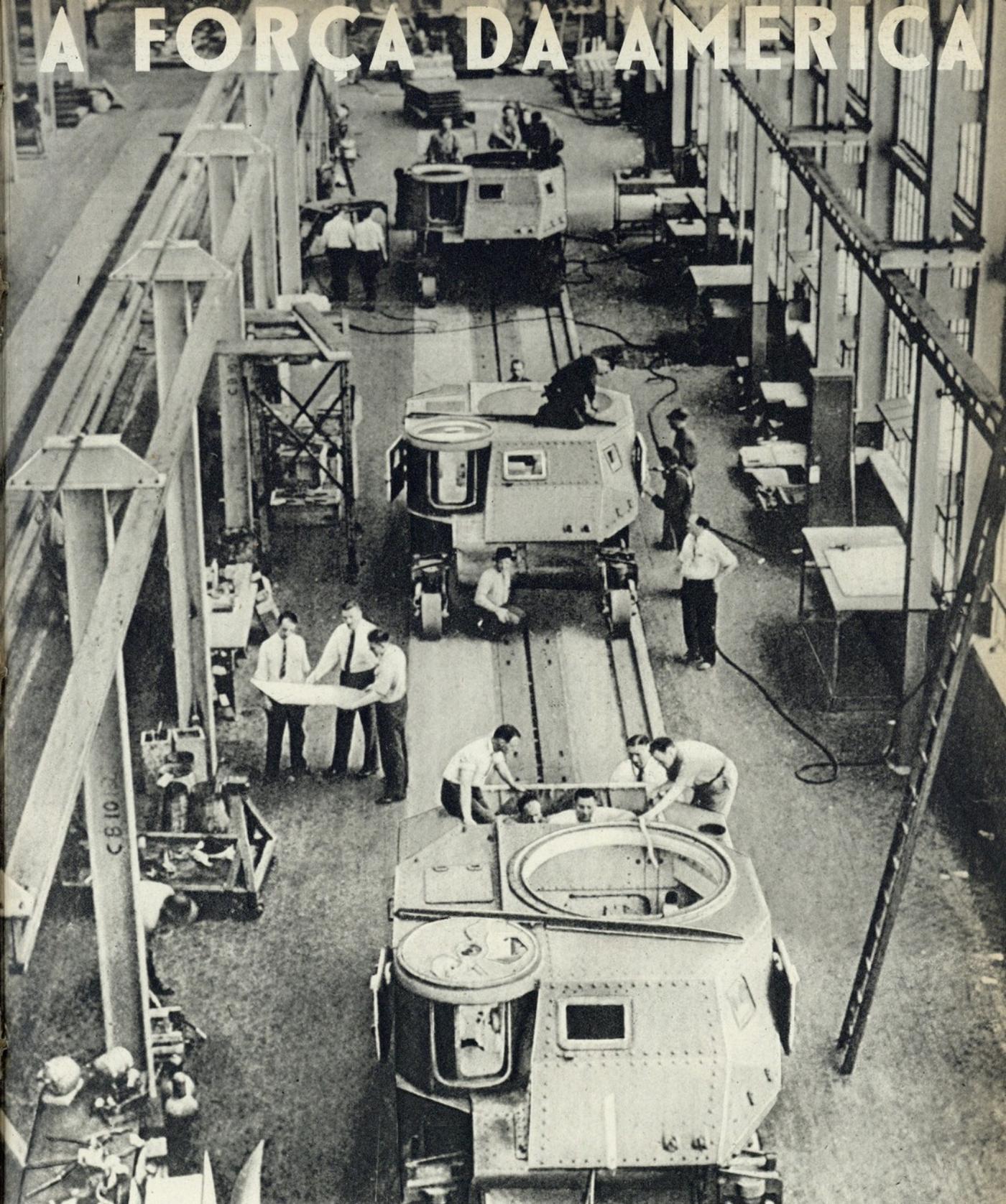


Em Atenas, na noite maravilhosa, os mestresiros da cidade representam «Piramo e Tisbe»



Noite de estrelas e de fantasmagoria. O duque de Atenas ouve um dos mestresiros da cidade, que lhe entrega o programa da representação nupcial

# A FORÇA DA AMERICA



OS Estados Unidos são agora o grande arsenal da Inglaterra. A maior potência industrial do mundo trabalha, febrilmente, dia e noite, atingindo a sua produção bélica, do mais diverso material, números astronômicos.

Os seus «Boeings voadores» última palavra de construção aeronautica que do-

minam a estratosfera e os seus «tanks» são autênticos cruzadores erçados de canhões.

Eis um estaleiro da Chrysler, em Detroit, cidade onde se produzem os maiores e melhores «tanks» da América.

Estes são blindados do tipo médio, de 28 toneladas, que se deslocam com a ve-

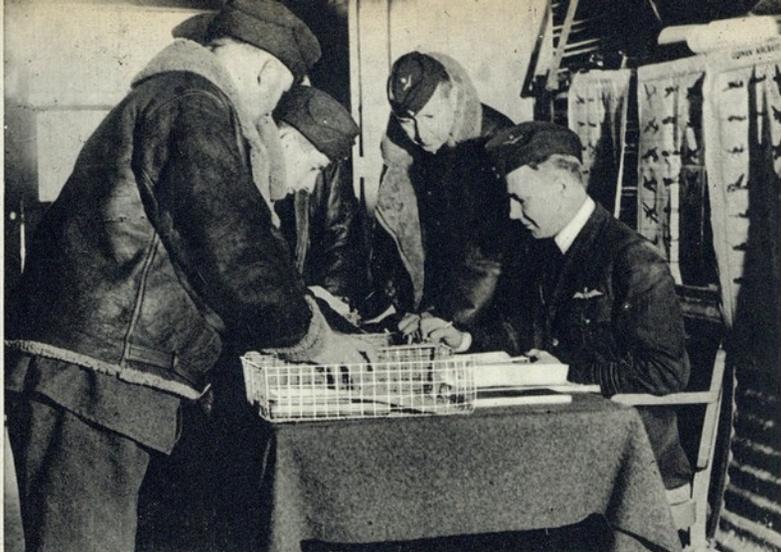
locidade de 25 milhas à hora, e são armados com seis canhões de 75 milímetros.

Só este arsenal produz cinco «tanks» por dia, tendo recebido uma encomenda de 3.800.

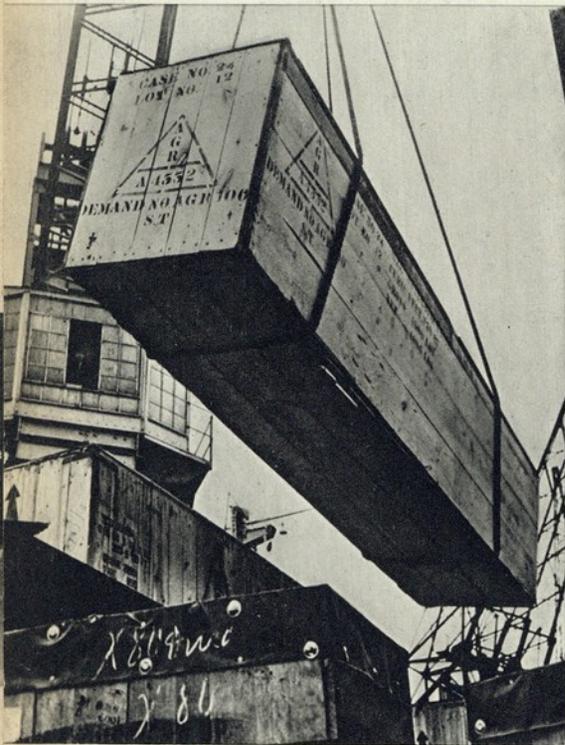
Esta fábrica é só para o ajustamento das peças dos «tanks» visto todas elas entrarem ali já acabadas.



Um homônimo de Churchill. Chama-se Winston Churchill e tem 26 anos. Os pais nasceram na Inglaterra e ele em Cincinnati. Alistou-se agora na aviação do seu país



A tripulação dum barco-voador "Catilina", de construção americana, utilizado na batalha do Atlântico, cujo raio de acção é de quatro mil milhas, e que coopera com a Royal Navy



É cada vez maior o volume de géneros e de armamentos que os Estados Unidos enviam para a Inglaterra. O tráfego na linha vital não cessa



Sob a acusação de espionagem, foram presas, nos Estados Unidos, numerosas pessoas, à entrada do tribunal que os vai julgar, ocultam o rosto

COM a Inglaterra, a América constitui hoje um formidável bloco. Os Estados Unidos estão agora no limiar da guerra. A sua política é cada vez mais resoluta, não só enfrentando as potências do Eixo, como ainda as eventualidades bélicas do Extremo Oriente. O seu plano de fabrico de material de guerra é, na verdade, colos-

sal, atingindo estas cifras mensais: espingardas, 52 mil; canhões e metralhadoras de diversos calibres e espécies, 2000; aviões, 3000; «tanks» médios e ligeiros, 690; (desconhece-se a cifra dos tanks pesados) navios de guerra de superfície, 35; submarinos, 23; navios mercantes, 230 mil toneladas; aço, 7.700.000 toneladas, estando

calculado o valor das máquinas-ferramentas em construção no mesmo espaço de tempo, em 70.800.000 dólares.

Os «Yankees», com a sua tenacidade e a sua formidável capacidade industrial, excedem-se, batendo os mais altos «records» antes dos prazos oficialmente estipulados.



ALEXANDER, PRIMEIRO LORD DO ALMIRANTADO, ALMOÇANDO EM LONDRES COM MAISKY

## A CAMPANHA DE LESTE

# Ao fim de sete semanas de operações na frente oriental

*Como se tem travado uma das maiores batalhas que a história regista*

**E**M 23 de Agosto de 1939 o Reich assinou com a U. R. S. S. um pacto de não agressão. Em 22 de Junho de 1941 as tropas alemãs entraram em território soviético, iniciando a campanha que, no panorama geral desta guerra ficará conhecida pela designação de campanha de leste. Tinham decorrido, precisamente, vinte e dois meses.

No dia 9 do corrente mês completaram-se sete semanas desde que se iniciou a campanha de leste. Apesar de serem escassas, em muitos pontos, e contraditórias, em muitos outros, as informações oficiais fidedignas que se tornaram do domínio público, é possível, a esta distância, fazer uma ideia aproximadamente exacta e fundamentada sobre as condições em que as operações têm decorrido.

É idêntica, do lado alemão e do lado russo, a afirmação de que algumas das batalhas travadas durante essa campanha são as maiores que a história regista, pela importância dos efectivos, quantidade de material e ardor combativo dos beligerantes. Pela primeira vez desde o começo do actual conflito, a batalha do material foi acompanhada por uma intervenção decisiva do factor humano. Rusos e alemães são também unânimes em declarar que, numa frente de cerca de 2400 kms, indo do Oceano Glacial Artico ao Mar Negro, as tropas envolvidas na luta atingiram, momentos decisivos, a soma quasi inverosímil de nove milhões de soldados. Quanto ao material pôsto em linha dum e doutro lado as versões não

coincidem. O mesmo se verifica quando os comunicados oficiais se referem às perdas sofridas e às baixas registadas.

O período de sete semanas consumido na campanha de leste pode considerar-se dividido em três fases distintas: aproximadamente duas semanas (a 1.ª e parte da 2.ª), indo de 22 de Junho a 4 de Julho, constituem a primeira fase; a segunda abrange um período sensivelmente igual (3.ª e 4.ª semanas) de 5 a 17 de Julho; a terceira compreende exactamente três sema-

nas (a 5.ª a 6.ª e 7.ª) iniciando-se em 18 de Julho e devendo considerar-se praticamente terminada em 7 de Agosto. As características destas diferentes fases podem resumir-se assim:

1.ª fase (22-VI a 4-VII) — Batalha de fronteiras e ocupação dos territórios incorporados na U. R. S. S., depois da assinatura do pacto germano-soviético.

2.ª fase (5-VII a 17-VII). Ofensiva do

*(Continua na pág. 30)*



Kiev, uma das cidades mais importantes da Ucrânia



*O leão, símbolo da magestade e da valentia, que continua a ser o rei dos animais*



*Os macacos que, apesar de inquietos e guinchadores, são facilmente domesticáveis*



*O ferocíssimo tigre, inimigo do género humano, convenientemente enjaulado. Parece meio adormecido com o calor*

## O Zoo das Laranjeiras

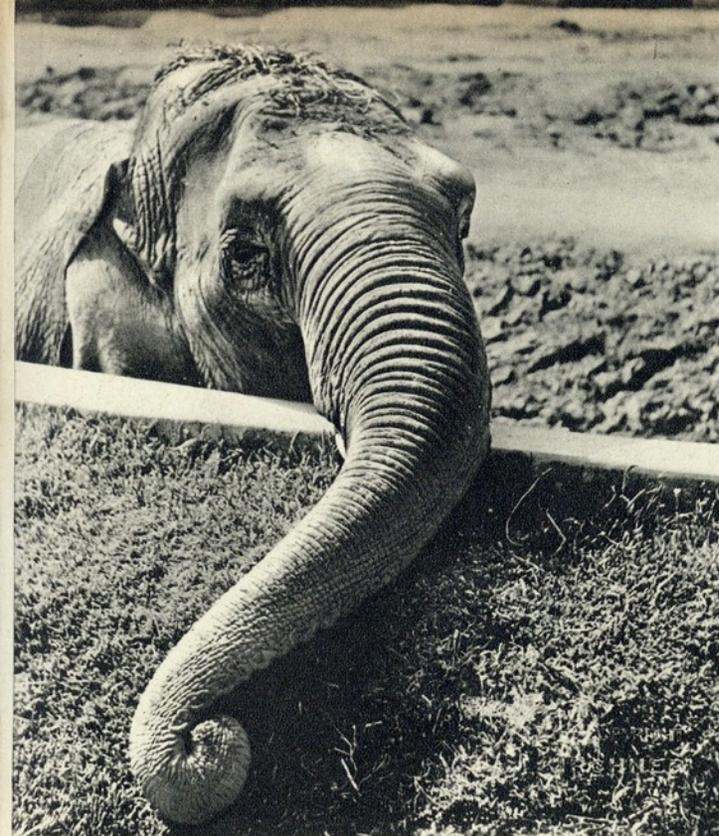
O Jardim Zoológico é um motivo de permanente encanto para os lisboetas, que não dispensam, de vez em vez, um passeio até lá, a admirar não só os variadíssimos exemplares da nossa fauna continental e exótica como a beleza dos seus recantos profusamente arborizados e, por entre eles, o cuidado ajardinamento de grande número de locais que convidam ao repouso.

Em excelentes e apropriadas instalações se deparam ali aos visitantes as mais belas espécies da fauna conhecida.

Lá se encontra o majestoso leão, seguro da sua força e do seu formidável poder, vivendo no seu parque especial, cercado por um fôssco, e rugindo, por vezes, estrondosamente.

Não se torna necessário percorrer um grande espaço para encontrar os ursos, sempre dispostos a demonstrar a sua violência, olhando com assomos de desconfiança e de cólera as pessoas que procuram vê-los de perto um pouco mais do que normal, e em atitudes bem demonstrativas dos seus acentuados desejos de as reduzir a simples farrapos. Os tigres, as panteras, os enormes elefantes, as hienas, hipópótamos, girafas, antílopes, camelos, quase todas as espécies de quadrúpedes conhecidos no Globo lá existem. E, a par deles, uma numerosíssima colecção de aves, que vai, desde o pacífico pombo até à mais perigosa águia real, sem esquecer as lindas araras, as curiosas cactuas e os tristes e azarentos môchos e corujas. Também lá têm o seu lugar os crocodilos e uma extensa fila de reptis dos mais temerosos aos mais inofensivos.

E os macacos, com a sua graciosa «Aldeia», onde exibem fantásticas cabrioleiras, em atitudes que provocam o riso de quem os admira. Nem só as crianças se deleitam largos espaços de tempo a olhá-los e a seguir-lhes todos os gestos e folganças. Também os adultos, mesmo os mais circunspectos, quando se apanham em frente deles, sentem manifesto desgosto por terem de se retirar...



*O elefante, pesado e corpulento, mas muito irritável, quando não é tratado com lealdade*



*A zebra, que habita nas regiões da África do Norte e que, apesar da sua celeridade, é facilmente capturada*



*O terrível urso branco, que, na sua plataforma, rodeada por um fôssô de água, não deixa aproximar ninguém. Entre duros e aguçados penhascos, êle mostra-se intratável*

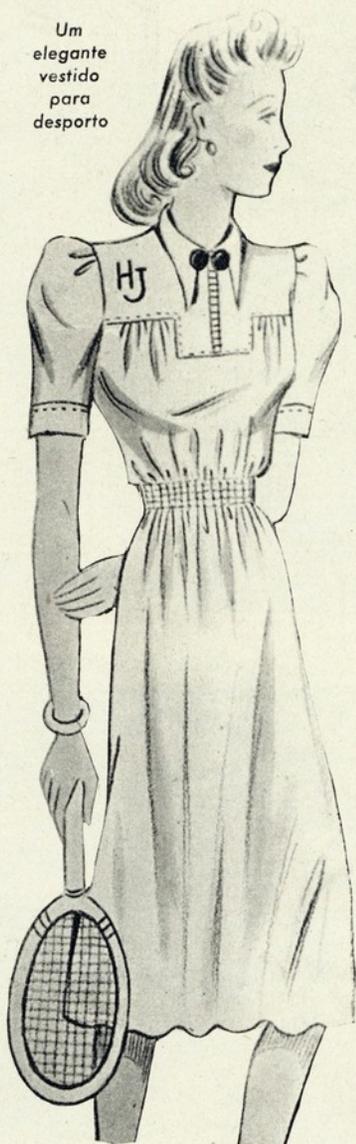
# Página Feminina

de AURORA JARDIM

## O que a Mulher deve preferir

Um elegante vestido para desporto

- O *Chapéu* pequenino, todo num tufo de flôres e tule, muito caído para cima do olho direito, deixando ver o cabelo bem cortado e a nuca descoberta.
- O regresso do *Trou-Trou*, que é tão engraçado: o entremeio com buraquinhos por onde passa a fita e que tanto se vê na blusa delicada como no vaporoso vestido de baile ou no cabeção de guipure que garante o vestido de jantar em veludo negro.
- O *Chapéu* em piqué branco cuja copa, é formada apenas por flôres: jarros, violetas e rosas nos tons naturais. Vêu cingido à cara.
- O *Vestido Estampado* com folhos na saia. As senhoras magras colocá-los-ão logo abaixo da anca; as nutridas na beira da saia, subindo em duas ou três filas. Pequeno folhito no decote e nas mangas.
- As *Mangas* pagode, muito largas, ficam bem quando a silhueta é esguia.
- A *Combinação Branco, Preto, Vermelho*, disposta da seguinte forma: saia plissada preta, colete vermelho, casaquinho branco. Luvas, saca, charpa e chapéu pretos, tendo este uns pregos vermelhos.
- O *Vestido de Jantar* em crepe marroquino preto com incrustações de guipure ccre. Manga comprida, decote discreto.
- As *Guarnições em Relêvo* estão em voga. E na primeira fila a passamanaria que, sendo em côr, foge da uniformidade do preto. Fazem-se com ela as seguintes guarnições: os clássicos alamares e: algibeiras, capinhas curtas, boleros, *plastrons*, dragonas, viezes, laços, *pêlerines*, luvas, etc., etc.
- O *Piqué Branco* animando uma saia-casaco de crepe estampado, formando rebuços e algibeiras.
- A *Saca em Tecido*: «gros-grain» encarnado, lá igual ao vestido, feltro igual ao chapéu e aos sapatos, em *laize* e palha pintada.
- A *Blusa* tôda em rendas valencianas, um tanto decotada e com um grande laço de veludo na frente, butra inteiramente em fios tirados e finalmente, para a noite, aquela que se executa em guipure grossa, animada por um laço em tom vivo.
- O *Estampado* moderno que parece sair duma prodigiosa máquina de escrever e de contar, onde bailam letras e algarismos, em turbilhonante rondô de fantasia.



Para melhorar a circulação do sangue: cevada.

Para beneficiar o organismo, duma forma geral, devem comer-se alimentos que contenham a vitamina B. São êles: figado, arroz, levadura, vegetais pouco cozidos ou crus.

A Beleza nasce com a mulher, mas é a ela que compete poupar e prolongar êsse divino dom que é meia felicidade.

## Não seja tão sentimental sofrerá o dôbro

Como se sabe que uma rapariga é sentimental? Só por gostar de versos? Não. Mas por pequenos sintomas. Vamos mencionar alguns:

- Gosta de colocar fôlhas e flores entre as páginas dos livros.
- Não esquece nunca qualquer desilusão que teve.
- Julga que, na vida, tudo se passa como nos romances.
- Foge de encarar a realidade.
- Adora as rendas no lenço e na roupa.
- Tem um pequeno defeito físico e faz disso uma tragédia.
- Quando gosta de alguém, julga que nunca êsse sentimento poderá ser correspondido.
- Entre os versos e os filmes, prefere aqueles que fazem chorar.
- Dedica-se, com exclusivismo, não só às pessoas mas também aos animais e às coisas.
- É muito susceptível, amuando por qualquer coisa. Desconfiada, julga sempre que dá mais do que recebe.
- É ciumenta em extremo.
- Chora porque cortaram uma árvore.
- Julga sempre que a querem ofender, melindrando-se por tudo e por nada.

## Os alimentos e a beleza

Evidentemente que é interessante estar dentro do peso normal (50 quilos para 1<sup>m,56</sup> de altura; 52 para 1<sup>m,58 and so on</sup>), mas quando não pode ser, não pode ser. A desnutrição, tanto em malfadado vigor entre as mulheres que querem emagrecer, é causa de muita doença: a anemia que pode chegar a tuberculose, a neurose que provoca falta de memória, irritabilidade, insatisfação e várias perturbações que atacam todo o organismo, levando à neurastenia.

É claro que se pode evitar o alimento que engorda: o farináceo, a gordura, o açúcar — mas é preciso substituí-lo por outro que dê a compensação: a fruta e o legume tão ricos em vitaminas (muitos sucos de frutas) o leite, o peixe, a carne que contém a hemoglobina sem a qual se não pode equilibradamente viver.

Vejamos agora os alimentos, não já em

face da saúde mas da beleza (esta não pode existir sem aquela).

Para possuir uma pele clara, é necessário ingerir muito enxofre. Encontra-se êle nos nabos, rabanetes, cebolas, espargos, repolho rôxo. Se tudo isto se comer cru, melhor será.

Para ter faces rosadas está recomendado o ferro e portanto: cenouras, figos e espinafres.

Para ter belos dentes precisa-se de muito cálcio, que se encontra no leite, no queijo, na manteiga e nas laranjas.

Para ter o cabelo bonito comer-se-á muito peixe, sobretudo bacalhau, pinhões, frutas com a pele e legumes.

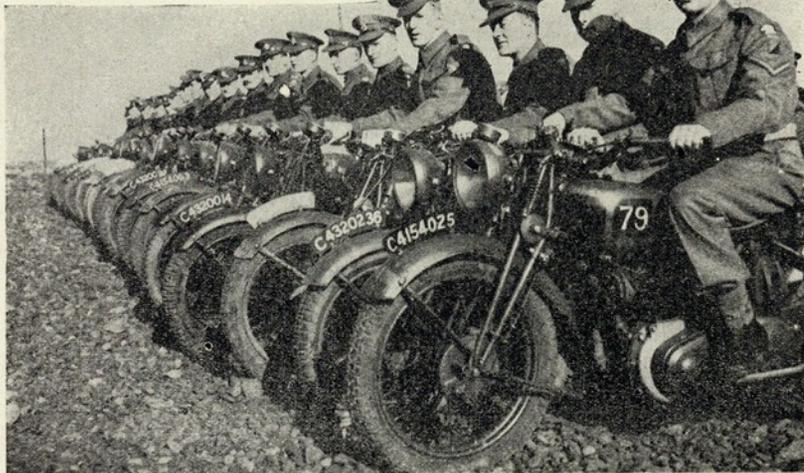
Para ter o motor em bom funcionamento é óptimo o uso diário do «Yoghurt», espécie de leite acidófilo, contendo bactérias que matam as outras bactérias nocivas existentes no colon do intestino.

Para acalmar os nervos: espargos e chá de cidreira.



A última moda dos chapéus em Inglaterra, com o «V» simbólico da vitória

# Sport



Uma extensa formação de motociclistas alinhados impecavelmente prontos a partir

## O motociclismo na guerra

AS corridas de moto tiveram em tempó grande voga, mesmo em Portugal. O motociclismo desportivo, em pista, com as suas prodigiosas velocidades, em médias fantásticas, e as provas de circuito tiveram noutros tempos grande número de adeptos. Em Lisboa e no Porto, Inocêncio

Pinto, Couto, Ore de Albuquerque, Beirão e outros alcançaram êxitos perduráveis do tempo de ouro do motociclismo nacional.

Depois, o automobilismo e a aviação destronaram a moto, que passou a ser, por assim dizer, um desporto militar: para o serviço de polícia e para patrulhas.

Na guerra de há vinte anos, a motocicleta teve grande relêvo. Na guerra actual, o motociclismo foi apelidado de *cavalaria-moderna*, e com maior propriedade. A moto é hoje um instrumento de guerra de altíssimo valor, pela sua mobilidade, pela sua eficiência no policiamento, no avanço veloz, na deslocação rápida.

Os motociclistas constituem, por isso, regimentos de elite. Em Inglaterra, particularmente, a motocicleta rola hoje, ininterruptamente, em tôdas as estradas, em tôdas as direcções, a tôdas as horas, de dia e de noite, em polícia, ou vigilância aturada, em defesa do Império. No complexo da defesa das ilhas britânicas a moto ocupa um papel verdadeiramente essencial — sob todos os aspectos. A sua aplicação é variadíssima: nas transmissões, na polícia, na vigilância, no pronto socorro, em tudo. E o treino dos motociclistas é hoje, devido ao aturado trabalho, tão

grande que eles são agora verdadeiros aerolitos, deslizando com a mesma facilidade pelas estradas polidas como pelos campos pejedos de obstáculos e que constitue a série interminável de defesa contra paraquedistas, descida de aviões. Por vezes, nas horas de descanso, improvisam verdadeiros concursos de autentica acrobacia, subindo e descendo obstáculos os mais difíceis, zig-zagueando pelos campos e até por entre o arvoredor.

Não é fácil calcular o número de motos que diariamente circulam, em serviço da defesa, em tôda a Gran-Bretanha, mas êle deve ascender muitas e muitas dezenas de milhar, não só porque a produção é injindável mas porque é inesgotável a reserva de gasolina e, por isso, não ha restrição alguma.

Nas pròprias cidades, os bombeiros, os polícias, os médicos, os estafetas militares e civis. todos, enfim, que têm de deslocar-se dentro da cidade ao ritmo acelerado da guerra têm a sua moto e, por isso, ela presta hoje serviços incalculáveis.

Todos os desportos, dentro de certos aspectos, constituem preparação para a defesa nacional, ou, noutros casos, são admiravelmente enquadrados e adaptados ao sistema defensivo geral. Mas poucos, como o motociclismo, conquistaram na guerra actual um papel tão preponderante. O motociclismo, é hoje, dêste modo, um verdadeiro desporto de guerra. A defesa do Império britânico, confiada a todos os meios de defesa no ar, na terra e no mar, tem na motocicleta, sobretudo para a defesa das ilhas, um auxílio poderosíssimo, como não fôra fácil prever.

Os motociclistas ingleses são hoje, com efeito, a cavalaria moderna que ronda de noite e dia as estradas da Gran-Bretanha.

P. Franco

Peçam

## Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe

Amorosa

A. B.

Nectar

Solera 1847

Jerez

3 Copas

Soberano

Insuperable

Aguardentes  
Jerezanas

Superior Tawny

Special Tawny

Port in Sight

«54 Port.»

Vinhos do Porto

Depositários:

**GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.**

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)



As motocicletas abrem caminho por tôda a parte

# PREFERÊNCIA DE AMOR

NOVELA DE EUGÊNIO VIEIRA

«Foi ainda há poucos dias, em casa do banqueiro H..., junto à praia do O...»

Estávamos os cinco, no largo terraço, na contemplação do mar. Eramos eu, com os meus 23 anosãos e escoreitos; o banqueiro e a esposa, sua filha Lúcia e o engenheiro Juvenal, quarentão eternamente falador, sabendo dominar um auditório com a palavra clara e incisiva e o olhar imperioso, em que há grande poder de insinuação».

Era assim que, à mesa do café, se exprimia Luís Paulo, esplêndido camarada nas letras, superior inteligência e superior coração.

E continuava:  
— Conheces bem a Lúcia, aquela entre caprichosa criança e muito senhoril dama...

Conheço. E' apreciável. Acho-a um mixto das mais cândidas reservas e dos mais infantis estouvamentos. Traz sempre à sua volta uma chusma de admiradores a quem acolhe com o mais delicado trato, sem mostrar predilecção amorosa por nenhum.

— E' isso — me redarguiu. E foi justamente êsse modo de ser que a ela me prendeu. Devo dizer-te, em todo o caso, que, ultimamente, a sua atenção em alguém se fixou.

— Presumo quem seja o alguém... — lhe respondi. E bati no ombro do meu amigo com entusiasmo.

— Espera, — me disse êle, pausadamente — escuta.

— Sou todo ouvidos — respondi sorrindo.

— A conversação recaira no assunto mais em voga — a guerra. Eu fazia o possível por desviá-la para outro: o amor, o lar, a família, preciosas florescências que só podem bem viver e prosperar no ambiente da paz. De mais, dada a assidua côrte que o Juvenal fazia a Lúcia, — um verdadeiro assédio — eu aproveitava a ocasião de impor, pela lógica, tóda a minha ternura e para fazer valer os, por assim dizer, direitos de cortejador mais antigo... Juvenal, com a costumada loquacidade, no maior entusiasmo, não cessava de fazer as afirmações mais heróicas. Se na guerra tivéssemos de entrar, êle, apesar dos seus 42 anos, seria o primeiro a oferecer-se para a defesa da pátria. Vencer ou morrer na primeira linha de fogo, no primeiro combate, seria para si a suprema glória. E, analisava as fases da guerra, movimentava as vitórias como se estivesse no campo de batalha, sorridente, iluminado.

Eu mostrava-me reservado,



porque, confesso-te... não tenho o sentido da guerra...

Ceguei mesmo a arriscar algumas palavras de opinião. Nada mais foi preciso para que Juvenal elevasse a voz, e, numa atitude de orador, dissesse: E' difícil não ter o sentido da guerra, quando os acontecimentos sociais nos tocam o coração; quando se pretende converter em poeira a história ou as tradições. A guerra, acontecimento terrível, quando movida para fazer triunfar a justiça, quando alimentada para proteger generosamente o fraco contra o forte, é não só nobre como sublimel! Senhor Luís Paulo! — objurgacionou êle: — Como se representa a Justiça? Cega e com uma espada na mão, não é?

«Pois a espada do guerreiro que combate contra a ruína da civilização, é e será tanto mais bela quanto mais fulminante ela fôr».

Olhei para êle e para Lúcia e vi, com pasmo, que ela absorvia com o olhar as palavras e atitudes de Juvenal.

Como o banqueiro e a esposa se tivessem afastado até à sala, acompanhados de Juvenal, eu, aproveitando estar a sós com Lúcia, disse-lhe:

— Enquanto êsses milhões de homens se batem, regando com tanto sangue a terra, como seria bom, Lúcia, estar pacificamente instalado, num sossêgo suavemente embalador, junto duma mulher adorável como Lúcia, num embevecimento dum puro, dum sincero amor!

Ela teve um estremecimento repentino, que, confesso, não compreendi. Levantou-se de súbito e pôs-se a passear pelo terraço, olhando o mar.

Num repente, disse:

— «Quantos, a estas horas, não estarão na iminência da morte, sobre o abismo das águas ou sob um céu tremendo em convulsões de fogo, os

olhos cegos pelas chamas, os ouvidos surdos pela metralha e o tiroeteio do canhão! Quantos não terão exalado o último alento! Dizia isto estendendo os braços para as águas, de olhar fito nelas, como se fôsse debruçar-se para uma visão que a atraía.

No chá todos reunidos, enquanto se falava dos casos banais da vida, Lúcia, que se conservava pensativa, disse-me desprendida:

— Ouça, Luís Paulo: Se estivesse para casar e pretendesse oferecer à sua escolhida uma prenda de noivado, o que adquiriria para a sua *corbeille*?

— Mas... o mais lindo adereço que pudesse encontrar!...

— E o senhor Juvenal, num tal caso, como se faria?

— Eu, minha senhora? Se me sentisse noivo nos tempos que decorrem, ofereceria à minha noiva, embora isto pareça excentricidade, uma espingarda-metralhadora, cravejada de rubis e diamantes. Creio que essa lembrança nos poria sempre diante dos olhos a dôr humana, a justiça dos povos e ficariam os bons camaradas para a vida e para a morte...

Olhando para Lúcia li-lhe no semblante a identificação com aquele pensamento.

Juvenal retomou a palavra: — Agora permita-me V. Ex.<sup>a</sup> uma pergunta indiscreta:

— Se lhe oferecessem ao mesmo tempo as duas prendas, qual delas aceitaría?

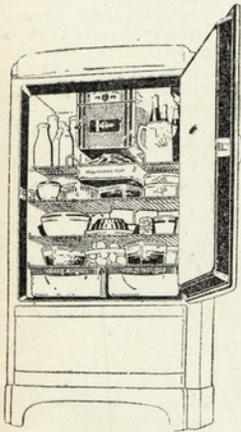
Lúcia fitou com firmeza Juvenal e disse:

— Recusaria o adereço...

Senti-me empalidecer de despeito. Compreendi tratar-se duma preferência de amor. Não mais voltei a casa de Lúcia. Não parece tudo isto muito extraordinário? — me perguntou Luís Paulo.

— Não, meu amigo, — respondi. E' tudo quanto há mais natural...

## Frigidaire



assegura o estado de pureza e frescura dos alimentos que nele se guardam



FRIGIDAIRE consome menos energia que qualquer outro frigorífico



## VISITE A EXPOSIÇÃO



na Avenida da Liberdade, 216

STAND BUICK

CRÓNICA ALEGRE

## O ELEVADOR DA GLÓRIA

CONFESSO que fiquei desapontado quando há dias cheguei à calçada da Glória disposto a atingir S. Pedro de Alcântara com o dispêndio de dois tostões e verifiquei que o chamado elevador estava a gozar quinze dias de licença. Subi a calçada a pé, não sem pensar duas vezes e, em holocausto à verdade, devo dizer que cheguei ao cimo mais arrependido que um pecador depois de ter cumprido o castigo dos seus actos.

A meio do caminho, porém, puz-me a pensar na triste condição de ser elevador da Glória, ou do Lavra. Não sei se o leitor já reparou que isto de ser elevador faz uma grande diferença de ser carro eléctrico. O pobrezinho do elevador da Glória levanta-se todos os dias às sete e desde então, até à uma da madrugada, é só andar para baixo e para cima, tão depressa está nos Restauradores como está em S. Pedro de Alcântara. Não conhece a cidade e passa tôdas as noites ao relento, quer chova, quer faça vento ou esteja bom tempo e, quando lhe dão umas férias, não sai da calçada, ficando ali parado durante os quinze dias que a companhia lhe concede.

Agora veja o leitor se não vale muito mais ser carro eléctrico. Tem três residências: Santo Amaro, Arco do Cego e Amoreiras. Ora vai dormir a um lado, ora vai dormir a outro. Corre a cidade de fio a pavio. Enfim, leva uma vida regalada e de paródia. Aos domingos, se há futebol nas Saléziãs e touros no Campo Pequeno, vai até lá fazer carreiras extraordinárias e na volta sempre ouve os comentários dos espectadores. Uma vez trabalhou de dia, outras de noite, tem direito a descarrilar e, além disso, não tem o destino preso a outro, como o desgraçado do elevador da Glória.

Muitas outras distrações têm, ainda os electricos, como, por exemplo, irem devagar pelas ruas para não deixarem passar os táxis e estarem parados o tempo que lhes apetece no Rossio e nos Restauradores.

Ora, como o leitor vê, isto de ser elevador da Glória não constitui orgulho para ninguém. E quem fala no da Glória fala, também, no do Lavra. De um ao outro leve o diabo à escolha.

Mas há uma coisa muito pior que ser elevador da Glória ou do Lavra. É ser elevador da Bica. Isso não desejo eu nem ao meu maior inimigo.

Marçal Saldanha

## A VIDA DE CHURCHILL

Continuação da página 19)

Cecil Rhodes era o presidente e o criador da British South Africa Chartered C.<sup>a</sup>. Era, ao mesmo tempo, poderosamente auxiliado pelos holandeses. O dr. Jameson, administrador da Companhia, trabalhava sob as suas ordens. Jameson, homem de forte personalidade, muito impulsivo, organisara, em Mafeking, uma força de 600 ou 700 soldados para atravessarem, rapidamente, as cento e cinquenta milhas que separam Mafeking de Johannesburgo. A força tinha sido organizada para a hipótese de os estrangeiros se revoltarem, a fim de alcançarem os seus direitos civicos. Para que ela actuasse eram necessárias duas condições: que Cecil Rhodes fosse favorável a essa acção e que o governo britânico não visse nela qualquer inconveniente. Ao mesmo tempo, em Johannesburgo, desenvolvia-se uma conspiração também para se conseguir que aos estrangeiros fossem dados os direitos que eles reivindicavam. O dinheiro não faltava aos conspiradores, entre os quais se contavam os principais proprietários das minas de ouro. Apoiavam-nos, embora com pouca convicção, os empregados e a parte da população não holandesa de Johannesburgo, que já nesse tempo excedia a do Transvaal. Uma manhã de Abril proclamaram em Johannesburgo um governo provisório. O dr. Jameson, com os seus 700 cavaleiros e dois canhões, foi-se juntar aos elementos que o compunham.

Este acontecimento impressionou a Europa e comoveu o mundo inteiro. O Kaiser enviou ao presidente Kruger o seu famoso telegrama e deu ordem aos marinheiros alemães, que se encontravam próximo, para desembarcarem em Delagoa Bay. Todos os países censuraram a Grã-Bretanha em termos enérgicos. O comando boer, que se encontrava de prevenção, cercou sem dificuldade o dr. Jameson e os seus homens e, depois duma luta violenta, obrigou-os a render-se. Quando as primeiras notícias da marcha do dr. Jameson chegaram a Londres, o governo britânico não lhe deu qualquer apoio. Ao mesmo tempo, medidas de certa envergadura, tomadas pelas autoridades transvalianas conduziam à sufocação da revolta de Johannesburgo e à prisão dos elementos que tinham tomado parte nela. Lord Salisbury tentou, com a maior paciência, tudo o que era possível para acalmar os ressentimentos com uma acção diplomática. Os chefes da conspiração de Johannesburgo foram condenados à morte. Mas a pena foi-lhes comutada mediante o pagamento de pesadas indemnizações. Jameson e os seus homens foram entregues pelos boers à justiça inglesa.



A mulher que apresenta um rosto moço, a pele fresca, sem rugas, sem manchas, sem qualquer desses sintomas de cansaço, tem a atracção das mais jovens raparigas.

A idade não importa. Quantas vezes a glória de actrizes célebres se estende além de todos os limites da mocidade. E ouve-se dizer: «Esta mulher já deve ter para cima de 45 anos! Mas que frescura de pele, sem uma ruga, sem um sintoma de flacidez nos tecidos do rosto. Parece que tem 18 ou 20 anos!»

No teatro português há um exemplo encantador deste prodígio de mocidade eterna, graças à frescura da pele, e que tôda a sua vida de glória só tem ouvido bastantes... aplausos.

Em Paris o berço de beleza eterna, onde se cultiva o «charme» da mulher, este delicado problema do rejuvenescimento da pele feminina foi sempre objecto de estudos científicos. A mais recente descoberta do Dr. Charpy, eminente dermatologista da cidade-luz, foi encontrar o processo de acelerar a alimentação das células dérmicas pela aplicação directa das vitaminas. A alimentação interna, embora cuidada e estudada, só lentamente fazia chegar as vitaminas à pele. A alimentação externa faz-se quasi instantaneamente.

A absorção dessas vitaminas aplicadas no rosto dá resultados extraordinários: os tecidos rejuvenescem, as rugas cada dia que passa tornam-se menos fundas, diluem-se e desaparecem, os estragos naturais do vento, das poeiras, do ar forte do campo e do mar, ou ainda do ar viciado das salas de baile ou de espectáculo, são contrabalançados pela absorção das vitaminas que assim restituem, ao fim de poucas horas, tôda a vitalidade e saúde do rosto.

O processo do Dr. Charpy tornou-se realidade com o **Cre-med'Argy** creme de beleza à base de vitaminas, creme nutritivo por excelência, mais do que produto de beleza, verdadeira receita científica de resultados surpreendentes. Prepara-se em duas fórmulas: para de dia, o n.º 1, não gorduroso (tubo côr de marfim), como base para o pó de arroz; e, para de noite, o n.º 2, (tubo côr lilás), como tratamento da pele.

Faça uma experiência. Por 4\$00 pode obter nas casas da especialidade um estôjo reclamando um tubo de creme n.º 1 (dia), um tubo de creme n.º 2 (noite) e duas amostras de **Moussine d'Argy**.

Não encontrando, escreva para os Laboratórios d'Argy, Campo 28 de Maio — LISBOA.

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {  
Comerciais  
Portáteis  
Somar  
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **CARDEX** e Arquivos

LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

Telefone: 1 276

## UM INVENTO INGLÊS

## A RADIOLOCALIZAÇÃO DESCOBRE TODOS OS AVIÕES INIMIGOS



O dr. Robert Alexander Watson Watt, inventor da radiolocalização, a caminho do seu trabalho

**E**STA guerra tem evidenciado largamente os extraordinários sucessos do avião como uma das armas mais temíveis não só quando actua com absoluta independência mas também quando presta colaboração tática ou estratégica às outras armas. A medida que as características da aeronave se aperfeiçoaram — mais velocidade, maior raio de acção e melhores elementos de combate, etc. — desenvolveram-se os processos de ataque e de defesa. Dispondo de um campo de manobra incomparavelmente vasto, o aeroplano ataca sempre em condições de superioridade. As velocidades atingidas permitem-lhe explorar, quasi sempre com êxito, o efeito da surpresa, favorecida muitas vezes pela altitude e condições atmosféricas caracterizadas por «plafonds» baixos ou pela escuridão da noite.

Assim, tornava-se quasi sempre muito difficil localizar os aviões atacantes e alvejá-los pela artilharia anti-aérea. De noite, ou entre núbvens, a acção dos «caças» era grandemente diminuida.

Surgiu, pois, ainda antes da guerra, o problema da localização rápida e precisa dos aeroplanos atacantes. Os postos de escuta, servidos por aparelhos ampliadores de som, não ofereciam as condições necessárias. Só assinalavam os aviões a distâncias muito próximas.

A Inglaterra, porém, graças à descoberta de um dos seus técnicos, conseguiu resolver esse tão importante problema.

Em 1935, o dr. Robert Alexander Watson Watt, escocês de grandes faculdades de trabalho e intelligência, que, desde os primeiros tempos da rádio, construiu os seus aparelhos receptores, apercebeu, nas proximidades de Daventry, a fazer experiências dum estranho mecanismo, a que deu o nome de Radiolocalizador e que era o produto de muito prolongados estu-

dos. Eram tão assombrosas as propriedades reveladas pelo construtor que pouco houve, então, quem desse seguro crédito aos resultados práticos das experiências do dr. Watson Watt, que, todavia, não desanimava, embora se não sentisse devidamente encorajado e auxiliado. E como os seus trabalhos davam lugar a que, nas proximidades do local em que se faziam, estacionassem numerosos camiões, a população julgou tratar-se da descoberta dum raio destinado a paralisar aviões ou carros em marcha. Começou assim o interesse pelo invento do dr. Watson Watt, e foi êle que forçou, em 1938, as autoridades militares británicas, quando a guerra se tornou uma ameaça latente sobre o mundo, a olharem com pronunciada atenção as experiências em curso.

Numerosos cientistas, officiaes do Exército, da Marinha e da R. A. F., engenheiros e fabricantes de aparelhos de rádio foram, então, destacados para prestar ao presistente inventor da Radiolocalização toda a colaboração de que êle necessitasse, para a conclusão rápida dos seus trabalhos, auxiliando-o no aperfeiçoamento máximo da sua descoberta.

Pouco depois, surgia dos laboratórios, como elemento de primeira grandeza para enfrentar, no ar, no mar e na terra, os ataques do adversário, fôsse êle qual fôsse, o maravilhoso aparelho que é o Radiolocalizador, vigia seguro em todas as direcções, que, atravez de ondas de éter, «vê» o inimigo que se aproxima a coberto da escuridão e por entre as nuvens

e indica, com precisão matemática, aos «caças», o ponto onde o encontrará occulto. Não se limita, porém, ao espaço a acção prodigiosa do radiolocalizador, pois anuncia da mesma forma aos grandes navios que sulcam os mares, a aproximação dos submarinos e a distância a que palar. Formidável instrumento de defesa na guerra, o radiolocalizador está destinado, no futuro, a ser, igualmente quando aplicado à navegação aérea e marítima do tempo de paz um precioso elemento de segurança nas suas rotas, eliminando, por completo, muitas causas de graves accidentes. Milhares e milhares de pessoas, homens e mulheres, escolhidas cautelosamente entre as que aliassem melhores aptidões para o fabrico e utilização dos radiolocalizadores, às mais firmes condições de inviolável discreção foram então intruidas na sua construção e manejo. E quando, no outono de 1938, se desencadeou sobre a Gran-Bretanha a violentissima batalha aé-

rea que tão graves preocupações provocou em todo o mundo civilizado, a Radiolocalização, ainda então pouco disseminada, por exiguidade de número de aparelhos construidos e de operadores especializados em trabalhar com êles, appareceu a avisar os combatentes ingleses, com valiosa antecipação, da aproximação dos aviões inimigos e da direcção por êles tomada, permitindo levar a bom termo a espantosa derrota que os atacantes sofreram.

A eficiência comprovadissima dos radiolocalizadores serviu de estimulo a uma multiplicação sistemática de esforços para prover a Inglaterra do máximo número de tão úteis elementos de defesa. Instruíram-se operadores, abriram-se novas fábricas, espalharam-se por toda a parte mais e mais aparelhos.

Num raio de trinta milhas qualquer avião é matematicamente localizado com uma velocidade de 186 mil milhas por hora — quasi a velocidade da luz. Quere dizer, logo que o aeroplano entra no raio de acção do radiolocalizador, as ondas que o influenciam e permitem a localização exacta transmitem-se com aquela rapidez assombrosa. E, presentemente, espalhados por todo o extenso território britânico e confiados a um verdadeiro exercito, constituido, principalmente, por atentas mulheres, os radiolocalizadores prosseguem na sua imperturbável acção defensiva, que, dia a dia, se tornará mais perfeita e quem saberá dizer se de maiores e mais portentosos objectivos.

## A BATALHA DE LESTE

(Conclusão da pág. 23)

exercito alemão, conquista duma vasta área da Ucrania occidental e aproximação da linha Estaline.

3.ª fase (18-VII a 7-VIII). Manobra de desgaste recíproco em homens e em material.

Neste resumo há que considerar, por tanto, dois aspectos essenciais: a progressão territorial e correspondente occupação, e a tarefa de aniquilamento de forças e de engenhos deguerra.

A progressão territorial foi mais sensível nas primeiras semanas da campanha. Nas últimas (6.ª e 7.ª) pode dizer-se que foi praticamente nula. Sôb esse ponto de vista a evolução da linha na frente leste resume-se assim:

1.ª semana — Occupação da Lituânia e das regiões de Polónia comprehendidas entre Vilna e Brody. A superficie occupada representa sensivelmente metade da área total occupada nas sete semanas de luta.

2.ª semana. — Os alemães completaram o occupação da Lituânia e iniciaram a da Letónia, completando ao sul a da Polónia.

3.ª semana. — Occupação de parte da Estónia, ficando a zona marginal no golfo da Finlândia e o porto de Tallin em poder dos russos. Ao sul os alemães penetraram na zona pantanosa do Pinsk.

4.ª semana. — Occupação da região que margina o lago Peipus, ao norte da região de Lepel Polotsk, ao centro, da Bessarábia e da Bucovina ao sul.

5.ª semana. — Ligeira progressão em Ostrov, ao norte, e até à cidade de Jitomir na Ucrania.

6.ª semana. — A batalha do desgaste tomou amplitude e não se registaram mudanças territoriais sensíveis. A manobra frontal do ataque a Kiev transformou-se numa operação de envolvimento da cidade, conduzida, para norte, até Korosten e para até Belaya Tserkov.

7.ª semana. — As frentes alemã e russa mantêm a configuração e o traçado da semana anterior.

Em 6 de agosto o Alto Comando Alemão inicia a publicação duma série de comunicados que resumem a marcha das operações. O primeiro destes comunicados accentua: «Perante este adversário, o mais áspero que até aqui encontrou o exercito alemão, as formações desse exercito, das S. S. militares e da aviação deram provas de uma coragem e de uma tenacidade verdadeiramente prodigiosas.

Por seu lado os russos consideram que têm reservas apreciáveis em homens e material para prosseguir a luta. E consideram que, continuando na posse dos principais centros de população da Rússia occidental (Leninegrado, Moscovo, Kiev, Odessa) além dos portos do Báltico e do Mar Negro, estão aptos a continuar a resistência, caso a ofensiva do Reich venha a desencadear-se de novo.

Carlos Ferrão

# CINEMA

## A GUERRA NA TELA

### O CINEMA, ARMA EFICAZ...

Temos referido freqüentes vezes, nestas páginas, através de copiosa informação, que o cinema britânico continua a marchar na vanguarda da produção europeia. Com efeito. A situação dos estúdios é próspera. O panorama da exploração é admirável, tranqüilizante. Os planos de realização de filmes assentam noutras bases, algumas de aspecto revolucionário em matéria de técnica. Esta nova orientação, nascida com a guerra e subordinada às necessidades criadas por uma nova política de espírito, encontrou, em todos os sectores de apreciação, o melhor dos acolhimentos calorosos. É consolador, por isso, registar este facto: Nunca a indústria do filme encontrou maior amparo junto do público, nem, tão pouco, o seu nível artístico alcançou maior volume de prestígio e de dignidade, como na hora actual. As provas estão à vista, na capital britânica, em qualidade e quantidades suficientes para convencer os incrédulos de que, na Europa, se torna impossível a qualquer país obter a paridade de produção com o cinema inglês. Parte deste esforço, a que freqüentes vezes nos temos reportado, será revelada, entre nós, no decurso da futura temporada, através de algumas obras que hão-de prolongar no tempo e enraizar nas almas a formidável epopeia da comunidade inglesa no momento presente. Neste capítulo, muito temos que admirar... Quantas surpresas não nos estarão reservadas? Qual a extensão do potencial militar da Gran-Bretanha? Como é possível aos homens dos estaleiros construir um navio e proceder ao seu lançamento, ao mar, em seis semanas? O que é a frente de aço? Como se preparam os pilotos de caça e actuam em pleno vôo? Como está defendida a costa britânica? O que é a verdadeira pátria inglesa? Como vive o povo em tempo de guerra? Qual é a sentinela do norte? Como resiste Londres? Em que pensa, e como encara o futuro, a mocidade britânica? Como foi preparada a vitória nas ilhas Lofoten? Qual o valor de carvão na guerra? Como funcionam os altos-fornos? Como se fabricam as hélices dos aviões? Que grau de perfeição e de eficiência atingiu a artilharia anti-aérea? Como se prepara a Índia para a guerra? A cada uma destas perguntas responde um filme realizado com o firme propósito de, sem o artifício do espírito, mostrar e convencer, precisar e documentar, através de uma grafia visual fácil e espontânea, como se vive, trabalha, pensa e luta sob o céu da Gran-Bretanha. Oportunamente nos referiremos, mais de espaço, a cada um daqueles filmes, que têm o mérito de abrir os olhos a quem os traz vendados...

O cinema é uma arma eficaz. Nunca milhões de ingleses pensaram dever tanto a tão poucos — a esses anónimos soldados da câmara de filmar: os operadores!

António Lourenço



Gary Cooper e Doris Davenport concluíram para a «United Artists» «The Westerners» que será apresentado entre nós com o título «A última fronteira»

## PRODUÇÃO

### «O Pai tirano»

No estúdio do Lumiar, onde reina uma incessante actividade, continuam em bom andamento, sob a direcção de António Lopes Ribeiro, os trabalhos de filmagem de *O Pai Tirano*, primeira comédia, duma série em preparação, que visa fazer rir o público sem necessidade de recorrer ao trocadilho barato ou à «chalaça» grosseira. Os propósitos são louváveis, uma vez que não se tem a pretensão de criar um novo estilo alegre, mas de remocar velhos processos filiados nos mais puro humorismo, isto é, na melhor graça portuguesa.

No «plateau» do estúdio, inteligentemente aproveitado, em toda a sua superfície, ergue-se, em todo o seu pitoresco, um complexo de teatro de amadores, constituído por uma Sala, com uma ordem de balcão; palco, camarins, corredores e um... bufete. Dentro deste «conjunto» decorrem algumas das mais importantes seqüências de *O Pai Tirano*, cujos diálogos são, como já referimos, da autoria do realizador e dos actores Vasco Santana e Ribeirinho.

### Um filme de Greta Garbo

Entre brevemente em produção, nos estúdios da M. G. M., o novo filme de Greta Garbo, cujo título provisório é *The Twins* (As gémeas). Melwyn Douglas volta a ser o seu parceiro. Do elenco fazem parte Constance Bennett, Ruth Gordon e Roland Young. A realização foi confiada a George Cukor, que acaba de alcançar um êxito clamoroso com *A Woman's Face* (Um resto de mulher), cujos principais papeis são desempenhados por Joan Crawford e Melwyn Douglas.

Em *The Twins*, Greta Garbo aparecerá em fato de banho, numa cena à beira-mar...

### Artur Costa no Rio

Partiu para o Rio de Janeiro, no «Siqueira de Campos», como enviado da «Space», o operador cinematográfico Artur Costa de Macedo, que foi encarregado de filmar todos os aspectos da recepção que vai ser feita à Embaixada de Agradecimento que o Governo português decidiu enviar ao Brasil. Também seguiu viagem, no mesmo barco, o sr. Correia de Matos, gerente da Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, que vai tratar da colocação, em terras brasileiras, de vários filmes produzidos entre nós, no número dos quais figuram *O feitiço do Império* e *O Pai Tirano*.

### Joe Pasternak

Joe Pasternak, o famoso produtor dos filmes de Deanna Durbin, trocou a Universal pela M. G. M., com a qual acaba de assinar um contrato para trabalhar, em exclusivo, na qualidade de produtor.

### Aquilino Mendes

Devido à anormalidade da situação actual, que muito tem afectado a marcha dos trabalhos dos nossos laboratórios, o operador Aquilino Mendes decidiu associar-se à Ulisses Filme, a cuja direcção tem presidido a competência de José Nunes das Neves. Conscios de que a união faz a força, ambos visam, com o mesmo acórdio, reduzir as despesas dos seus laboratórios e conservar as suas actuais tabelas de serviços.

A ambos apeteçemos longas prosperidades.

### Estranho elenco

O mais estranho elenco de estrelas que Hollywood tem conhecido é, sem dúvida, o de *When Ladies Meet* (Quando as senhoras se encontram), que acaba de entrar em produção. O argumento foi adaptado duma peça de Rachel Crothers. O que sobretudo surpreende é o encontro de Joan Crawford com Greer Garson, duas personalidades quasi antagonicas. Também deve causar surpresa a inclusão de Robert Taylor no «cast», pois é esta a primeira vez que ele contracena com aquelas vedetas. Do elenco também faz parte Herbert Marshall. A direcção foi entregue a Robert Z. Leonard, que acaba de concluir *Sonhos de Estrelas* (Ziegfeld girl), com James Stewart, Heddy Lamarr, Lana Turner e Judy Garland.

Clark Gable e Lana Turner, Barbara Bedford e Mitchell Lewis foram acrescentados ao elenco de *Honky Tonk*, que tem por protagonista Clark Gable e Lana Turner. Secundam-nos Claire Trevor, Frank Morgan, Albert Dekker, Marjorie Main e Chill Wills, a quem cabem os louros pelo êxito de *Boom Town* (Dois contra o mundo), de que Jack Conway é o realizador.

Um filme sobre o herói de Trafalgar. Vivien Leigh e Laurence Olivier, os dois principais intérpretes de «Lady Hamilton»



# MUNDO GRÁFICO



Polegares ao alto!  
Lord Halifax  
e  
La Guardia  
em Nova-York  
sorriem  
à multidão  
que os aclama